

REENCONTRO NO CÉU

**OSVALDO POLIDORO
(reencarnação de Allan Kardec)**

ÍNDICE

O que não fiz
O que deveria ter feito
Nova obrigação
Em busca de serviço
Fim das férias
Velhas amizades
Dias de trabalho e divinas graças
A morte é o testemunho da vida
Três dias depois
Reencontro no céu
Contraste
Uma mulher e um aviso
Uma moça e um passeio
Primeiros sinais
Na residência de Rogério
Na próxima quinta-feira
O júízo final
Um homem em apuros
No dia
Sempre a lei
Encerrando um expediente

DEUS

Eu Sou a Essência Absoluta, Sou Arquinatural,
Onisciente e Onipresente, Sou a Mente Universal,
Sou a Causa Originária, Sou o Pai Onipotente,
Sou Distinto e Sou o Todo, Eu Sou Ambivalente.

Estou Fora e Dentro, Estou em Cima e em Baixo,
Eu Sou o Todo e a Parte, Eu é que a tudo enfaixo,
Sendo a Divina Essência, Me Revelo também Criação,
E Respiro na Minha Obra, sendo o Todo e a Fração.

Estou em vossas profundezas, sempre a vos Manter,
Pois Sou a vossa Existência, a vossa Razão de Ser,
E Falo no vosso íntimo, e também no vosso exterior,
Estou no cérebro e no coração, porque Sou o Senhor.

Vinde pois a Meu Templo, retornai portanto a Mim,
Estou em vós e no Infinito, Sou Princípio e Sou Fim,
De Minha Mente sois filhos, vós sereis sempre deuses,
E, marchando para a Verdade, ruireis as vossas cruces.

Não vos entregueis a mistérios, enigmas e rituais,
Eu Quero Verdade e Virtude, nada de “ismos” que tais,
Que de Mim partem as Leis, e, quando nelas crescerdes,
Em Meus Fatos crescereis, para Minhas Glórias terdes.

Eu não Venho e não Vou, Eu sou o Eterno e o Presente,
Sempre Fui e Serei, em vós, a Essência Divina Patente,
A vossa presença é em Mim, e Quero-a plena e crescida,
Acima de simulacros, glorificando em Mim a Eterna Vida.

Abandonando os atrasados e mórbidos encaminhamentos,
Que lembram tempos idólatras e paganismos poeirentos,
Buscai a Mim no Templo Interior, em Virtude e Verdade,
E unidos a Mim tereis, em Mim, a Glória e a Liberdade.

Sempre Fui, Sou e Serei em vós a Fonte de Clemência,
Aguardando a vossa Santidade, na Integral Consciência,
Pois não quero formas e babugens, mas filhos conscientes,
Filhos colaboradores Meus, pela União de Nossas Mentes.

Introdução

Para a mentalidade rudimentar dos religiosos terrenais, existe um número tal de espíritos que governam a humanidade, sob a égide do Cristo Planetário; mas esse número é composto pelos santos de sua grei sectária. É incapaz de calcular que bilhões e bilhões de seres existem, muito superiores, no próprio quadro demográfico do planeta, isto é, de criaturas que pertencem ao quadro de obrigações desta partícula cósmica.

Assim sendo, por exemplo, para quem seja cristão, prevalecem o Cristo e mais umas dúzias de santos. Fora isso, tudo é negação ou inferioridade. E com isso, como é de conceber facilmente, nem entendem sobre o que seja inferior, nem, e menos ainda, sobre o que seja superior, em matéria de visão das coisas.

Não obstante tal sofrível realidade, há um pedacinho da VERDADE integral que nos toca, e esse pedacinho é o que é, ainda que não contando com o beneplácito do rampeirismo humano, a esse respeito. Sabemos, podemos sabê-lo bem, que temos por direito o poder ignorar pouco ou muito sobre a VERDADE em sua integralidade; porém, seria de bom alvitre, dedicasse o homem terrenal, encarnado ou desencarnado, mais um pouco de atenção para com o sentido infinitamente complexo da VERDADE, quando se tratar desta, em sua apresentação relativista.

Que a VERDADE sendo tudo, por isso mesmo impossível de ser discernida pelo nosso entendimento, seja excessivamente superior ao nosso alcance de penetração espiritual, disso se não discutirá; mas, que, uma vez havendo da VERDADE, ao dispor do homem, como que comércio varejista, ou por fração, nada de mais fora, que, por essas condutibilidades proporcionais, cada qual procurasse pensar com um pouco de bom senso a mais. Afinal, arejar a mente por meio de prismas de visão melhores, não constitui favor, e sim dever de todos.

É muito certo que, para se saber umas tantas coisas, não basta se leia, apenas; o conhecimento também carece de têmpera, de amadurecimento. E isto vem, não por meio apenas de intelectualismo, não através leis de fundo teórico, somente. O mais recamado tarado, por exemplo, pode renascer em um corpo são, por conferir-lhe a Suprema Justiça, oportunidade reparadora. Não haveria de ser, é natural, pelo fato de ler sobre os Vedas, sobre Rama, sobre os Budas, sobre Krisna, sobre Zoroastro, sobre Hermes, sobre Moisés, sobre o Cristo, sobre Kardec, e sobre tudo quanto lhe fosse possível em Arte, Ciência, Religião e Filosofia, que viesse a se tornar pronto, praticamente, em todas essas virtudes, disciplinas e técnicas.

Teoria é valor, ninguém jamais o negará; pesa, pois, exatamente pelo que é, na balança orçamentária dos valores conquistáveis. Nunca, porém, preencherá aquelas lacunas que são os exemplos vividos, à custa de sangrar os pés nas íngremes estradas do mundo, recebendo o apupo de uns, a perseguição de outros, a bofetada de outros, a cruz de outros, e assim por diante. A edificação que marca no ser o vinco das imortais conquistas, jamais poderia ser adquirida à custa, apenas, de algumas ou muitas leituras.

Com o advento ao mundo, de uns cem anos para cá, de manifestações científicas e espiritualistas, por determinação do Cristo e em virtude de contingências cíclicas, uma falange numerosa de “sábios teóricos” se está forjando. Princípios básicos, regras indiscutíveis, normas éticas e estéticas, tudo quanto há de francamente lindo do ponto de vista intelecto-moral, campeia livre e bem sonante, euforicamente à vontade, até mesmo na boca de simples adolescentes. No entanto, o que se reconhece com a intervenção da prova real, que é a lei desencarnacionista, é que uma grande distância separa, muitas vezes, o homem prático do homem teórico.

Aquele, portanto, que mostrar ao próximo os céus lindos, os excelentes ou miríficos tronos onde repontem coroados vultos, nada de si mais dá, para merecer um pouco de paz, senão a deficiência que lhe acarretará caminhar por vielas escuras em sombrios países do plano astral da vida.

Eis no que dá, ou no que fará dar, possivelmente, a teoria adquirida e não posta a render juros práticos, eis no que acabarão as falácias longas e empolgantes, belas e bem nutridas de verbalismo, mas desprovidas de senso realístico, de solidez exemplar. Bem houvera, pois, o Cristo, afirmado que muito será exigido a quem muito tenha sido dado. Teoria, amigos, representa compromisso solene perante as leis causais. Teoria é bem em potencial, diante de quem, só o mais tolo não procura com afinco, as oportunidades de conversão em bem dinâmico, em patrimônio inalienável, imarcescível, por elaboração complementar.

Quem assim vos fala, amigos, é quem, embora não tendo sido no mundo um sábio portador de pergaminhos, nem por isso deixava de ostentar bons conhecimentos, sobre aspectos vários do saber humano. Em matéria de espiritualismo, principalmente, tinha e dispunha de cabedais enormes em bases teóricas. Gostava do saber talvez, tanto quanto o detestava praticar. Teórica e superficialmente, era um bom crente. Aos erros, à vida de desequilíbrios, ou para isso, reclamava a desculpa natural, que anda na mente de milhões: a fraqueza inerente ao sentido físico do homem, ou de todo e qualquer ser biológico.

E a vida, ou os dias, foi transcorrendo normalmente. Nem nisso pensava, que a terra girava sem me pedir contas, e que, ao final, cada dia marcava uma fração da etapa total, finda a qual, sem outra apelativa, teria de prestar contas sobre como teria consumido tais frações da etapa. Em bom tempo penso hoje, graças ao acúmulo experimental, sobre ser todo o bem ou todo o mal, conquista feita aos poucos, vagarosissimamente. Nem por isso, em múltiplos casos, dá tempo ou se acha meio de pensar, representar cada minuto, cada segundo, uma responsabilidade a mais, na conta corrente estabelecida entre o cidadão, o destino e as leis que conferem relativas liberdades.

A vida, amigos, ou o programa evolutivo encarado de um modo geral, é bela de ser meditada e entendida. No fundo, os altos e baixos de cada um, que representam os de toda a humanidade, parecem como acidentes coloridos sobre o fundo branco da tela. Há sempre accidentalização na vida de todo e qualquer ser. E o melhor modo de pensar, para mim, que ainda devo ser nada menos do que utilitarista, é criar acidentes favoráveis, modos de estar que nos sejam eficientes, em matéria de bem-estar consciencial. Aliás, devemos considerar ter sido essa a norma seguida por todos os grandes instrutores da humanidade. E a lógica está no próprio poder intrínseco da vida, do programa evolutivo, uma vez que o ser, está mais do que sabido, parte de baixo para cima, como que da inércia para o máximo dinamismo consciencial. A defesa do direito de bem viver todos os momentos é tão inalienável no indivíduo, como irrecusável é a obrigação de não possuí-lo à custa do prejuízo alheio.

Nada mais vejo do que isso, nada me parece mais simples de ser entendido, nada é mais chão para ser vivido, do que um princípio de ética como esse, que sendo espontâneo no ser, para ser sentido como a si totalmente favorável, também jamais poderia ser negado como o melhor a ser feito em proveito alheio. Para mim, toda a Suprema Justiça quer, apenas, que tornemos felizes aos outros, para que o ambiente feliz, por sua vez, venha a incidir sobre nós.

Isso, é o que vejo hoje, serviu para me servir no que fiz bem; e isso mesmo foi o que me tornou infeliz, quando fiz mal. Ninguém me fez ver que lei fundamental alguma pudesse ter vindo a sofrer aumento ou diminuição em si, por via de minhas boas ou más obras; mas me fizeram ver, ou saber, que, por trilhar o lado negativo de uma ou outra, comprometi a paz ou o bem alheios, e, como reação do lado positivo da mesma lei, penei os feitos errados.

Agora, é certo, me perguntarão se as leis possuem dois lados, um para ser bem e outro para ser mal usado. Eu digo que sim, pois, embora a lei seja sempre una em seus fundamentais atributos, nós somos relativamente livres para por ela fazer bom ou mau uso de nossas próprias possibilidades. O caminho pelo qual se vai é o mesmo pelo qual se vem. A lei da dialética em tudo reina, a força dos

contrários embeleza o universo! Graças a ela, podemos analisar e discernir, confrontar e deduzir, vindo a amar o profundo mecanismo das leis divinas. Graças ao poder da dialética, ou da força dos contrários, podemos pensar muito e muito avançar, procurando discernir, até onde possa ir o livre arbítrio, e quando deixe de ser atuante o Supremo Determinismo. Sabendo que tudo é parte do Supremo Determinismo, ficamos, então, mais credenciados para respeitar religiosamente ao poderoso direito de relativo livre arbítrio.

Para mim, depois de ter errado muito e de tudo ter tido de reparar, ganhei experiência suficiente para saber que, ao estar usando o livre arbítrio, estava de antemão pondo em movimento o Supremo Determinismo. E embora ainda seja frágil o meu poder de auto-domínio, trago sempre em mente que, se me fosse dado voltar ao mundo das formas, com esse mesmo quantum discernitivo, tudo faria para poder executar o mandato da vida, com rara e brilhante elegância intelecto-moral. Tudo na vida faz crer, faz sentir, que não há maior influência de um pólo da lei sobre o outro; mas, sim, que por Soberano Poder, cada um deles completa ao outro, no sentido de forçar tudo à evolução, pelo prisma obrigatório da movimentação. Procurar o sentido moral da vida é obrigação nossa, embora ser existente e vibrante seja por inderrogável lei superior! Não cumpre, pois, fazer o barco da vida e o mar da existência; eles o são por si mesmos. O que nos cumpre é guiar do melhor modo e para o rumo certo.

O que não fiz

Ninguém é responsável pela sua vida, mas sim pela direção que lhe der. Pela vida, em sua essência, responde Deus, que é a própria vida em essência. Embora cedo para sentir toda a presença da Divina Essência, posso falar em nome de uma grande viagem a plano superior, onde, em expressão, vi a Deus. Porquanto, tendo entrado em contato avançadíssimo, por aumento do poder vibratório operado pela cooperação de um grande oficial das esferas superiores, entrei a ver, a entender e a sentir, em grau indefinível, ao Supremo Ser, que do íntimo de tudo e todos, a tudo e todos dá vida e rege.

Bem estulto seria eu, se pretendesse ofertar em linguagem perfeita e definitiva, uma simples versão do que me foi dado viver! Viver, sim, pois Deus é VIDA em completa expressão, imaterial, informe e totalmente onipresente. Em sintonia com tal expressão da Divindade, subiram de tal modo meus poderes de ubiqüidade, que, sentindo-me a mim mesmo com distinta personalidade, sabia estar em tudo e em todos, como que no infinito em geral, movido ou forçado, por aquela poderosa influência, em VIDA, em LUZ, em AMOR e em CIÊNCIA! Posso dizer, atrevo-me a confessar, do quanto será capaz um espírito que tenha alcançado tal grau de evolução. A estuância do próprio Deus o embalará, em todos os sentidos vibratórios, e, daí pode-se inferir como um ser relativo consiga filtrar puramente ao Poder Divino.

O que não fiz, no mundo das formas, foi realizar esse propósito do próprio Deus em mim, ou em nós, de um modo prático. Procurei saber sobre Deus e Suas infinitas manifestações, movido por uma chama tão viva o quão consciente, projetado por uma fé ardente, porém e infelizmente, de teor puramente mental e intelectual. O que me faltou, mais do que nada foi, bem o sei, para realizar um grande avanço rumo ao SANTO INTERNO, foi atender ao sentido moral da vida. Não soube compreender que essa obrigação toca essencialmente ao ser relativo, por ser atributo, ou um dos atributos do panorama que compreende o livre arbítrio. Por isso, e por ter sido estudioso, um dos chefes me disse um dia, depois de palmilhar tredos caminhos do mundo astral:

– Alonso, você tem em seu farnel histórico um pouco de vantagens espirituais em seu favor. Porém, em sua última experiência na carne, todo um bom cabedal de força embaladora fez-se representar apenas no campo mental da ação. Ninguém negará, jamais, o valor de um bom modo de pensar sobre as coisas do Senhor; mas, e acima de tudo, também não se pode negar a obrigação de culto moral do saber. E foi o seu mal, amigo Alonso, o ter sabido e não ter vivido.

E enquanto eu pensava, pauseou ele um bocado, para logo emendar:

– Contudo, amigo, é da Soberana Vontade que tenha uma visão das coisas superiores da vida, antes de empreender novos serviços, neste lado.

– Minha consciência reflete tudo quanto é real sobre isso, meu senhor; e se lastimo alguma coisa, só o faço com relação à dor que tive de suportar, anos a fio, nos países tristes da erraticidade. Quanto ao mais, senhor, sei ter aprendido qualquer coisa com a estada em tais lugares.

E ele volveu a falar, considerando:

– O saber é o acúmulo de experiência, assim como a santidade é o acúmulo das virtudes. Ninguém fica completo de um salto, sendo absurdo o dizer-se que um ser qualquer, seja quem for, tenha feito todo o seu movimento ascensional, sem ter caído e levantado, nascido, morrido e renascido, miríades de vezes. Folgo, pois, em ouvi-lo dizer que aproveitou com a estada nos baixios astrais.

E com isso, transportou-me de uma zona semi-triste, onde o trabalho era rude, para uma outra, muito mais alegre, onde o sol do bem estar iluminava todos os rostos e temperava o mais recôndito dos seres. Deus, enfim, estava ali mais manifesto. Porque há duas formas de manifestação de Deus: uma manifesta e outra imanifesta. E como a manifesta há de ser sempre a estrada que conduza à imanifesta e essencial, sempre que do inferior se passe para o superior, significa que se deixou de ver, entender e sentir a Deus de um modo pior, para O ver, entender e sentir de um modo melhor. Ninguém irá às melhores expressões da vida, sem ser por percorrência às piores. E como o poder discernitivo é produto de elaboração íntima ou intelecto-moral, eis que o homem, por Deus, é compelido a fabricar o seu céu.

Por certo, amigos, dirão perguntando:

– Então, que representam as zonas interestelares, os supremos planos etéreos, as faixas mais afastadas dos planetas ou os seus respectivos céus?

Responderei: é certo que qualquer planeta, por inferior que seja, ainda que longe estando de oferecer possibilidade de vida organizada animal, conta com os seus céus, com as suas faixas, com as zonas etéreas, onde vivem os seus dirigentes, guiados por um Cristo, isto é, pelo chefe superior; é certo que, os céus de um planeta estão em correspondência direta com o grau hierárquico do próprio planeta, havendo variação nos céus, assim como as há nos planetas sólidos. Porém, quem irá habitar tais zonas celestiais exteriores, sem alcançar o merecimento interiormente, pessoalmente?

Já foi dito, por quem tinha de sê-lo, que um grau vibratório interior, corresponde sempre a um grau vibratório exterior, e vice-versa. Assim, irmãos, ao

desencarnar um espírito, especificamente, por si mesmo, atingirá o grau exterior de vida a que fez jus. Um tal estado de vida na carne, corresponde a um tal AMBIENTE de vida fora da carne. A cada qual, sem dúvida, segundo as suas obras. E do centro da Terra, em seu duplo etéreo, ao mais afastado plano etéreo de influência radiante do planeta, não faltará moradia para ninguém, mereça lá o cidadão como bem o mereça, da suprema treva aos supremos esplendores divinais. Ninguém precisa sair de si mesmo ou do planeta Terra, como de qualquer outro, para encontrar de tudo, rumo à paz ou à tormenta.

O que deveria ter feito

Ninguém está, também, por reencarnar e ser espiritualista, proibido de viver a sua vida plena, no mundo, isto é, relativamente ao meio e segundo sua natureza e condição evolutiva. Digo condição evolutiva, porque, sendo todos iguais até um determinado ponto, depois, ou daí para diante, cada qual é distinto, pelo menos em parte, dos outros.

A lógica salvadora ou comprometedora, amigos, é aquela que dita o modo moral segundo como vivermos as leis comuns, politicamente, economicamente, civilmente, artisticamente, filosoficamente, cientificamente, ou, segundo como dispusermos de nós mesmos, do cérebro ao coração, do espírito à matéria, do moral ao razoável.

Quando acompanhei aquele chefe para a região aonde presentemente habito, nem por sonho imaginava encontrar, em um departamento documentário, o documento que era o programa traçado, ou pré-traçado, de minha futura vida na carne. É natural que tudo quanto seja programa, leis e ordem imperante no mundo, seja de sempre, no infinito da Obra Divina; mas, como estava esquecido do passado, só lembrando de mim mesmo e de modo pouco recomendável, tudo isso me pareceu estranho e forte. O certo, porém, é que fui ler um programa não cumprido, um plano não executado, pelo menos em porcentagem elevada. O que executei, foi aquela parte que é por inerência à própria contingência do viver, assim como um homem governador, que, por pouco que o faça e mal, algo será forçado a fazer, por injunção funcional.

Tendo em vista o movimento renovador do Cristianismo, tinha-me proposto trabalhar pela causa, acompanhando na onda renovadora, a milhões de seres, que, por mando geral do Cristo, agiriam, como agem, sob o influxo de um grande chefe para isso designado. Falhei, portanto, na parte executiva, uma vez que dos conhecimentos gerais me acerquei com prontidão e facilidade. Isto é; hoje sei bem que a isso fui guindado; e que, o que faltara, foi aquilo que de mim dependeria que era dedicar esforços no plano propagandístico, pelos meios possíveis e devidos. Assim é, portanto, que fiz o trabalho de quem, sendo capaz e tendo ferramentas, não se dispôs a lavrar!

Nova Obrigação

Fiquei alguns dias folgando, passeando pelos lugares da região, meditando, procurando amigos, parentes, etc. Não me surpreendia reencontrar com eles, pois isso era parte integrante de mim, por conhecimentos, já na Terra. Antes, sempre e de um modo chocante, punha-me triste, abatido, ao rememorar o tempo perdido. Já não era possível achar que as experiências colhidas nos planos de treva, porventura bastassem para cobrir falha tão pesada. Doía-me na alma a retrospectão do feito delituoso, por sentir que muitos teriam lucrado com as minhas obras, na proporção direta à perda. Sentia-me pois, criminoso, por ter minha negligência atingido, em grau elevado, ao plano coletivo de minhas obrigações.

E um dia, quando me achava junto de uma fonte, local escolhido para as minhas meditações em vista do sossego ali reinante e a influência odorífera das flores silvestres, tangido por uma aguda dor moral, deixei-me rolar por terra, chorando amargo pranto sobre tais e tão duras recordações. Eu não rezava em forma de pedido, eu não rezava de maneira alguma, mas, gemia a dor de ter sido impiedoso para com aqueles que de mim teriam tido o direito de esperar alguma coisa. E foi nessa hora que alguém me tocou no ombro, dizendo com toda a musical inflexão na voz, aquela inflexão musical e piedosa, que só um puro sentimento fraternal pode em si comportar:

– Tua oração foi ouvida... Levanta-te e acompanha-me...

E eu fui seguindo a uma mulher vestida com roupas alvíssimas, senhora de uma beleza deslumbrantemente espiritual. Seus cabelos, seu olhar, o movimento angélico do seu corpo; tudo nela parecia feito de céu, de luz, de coração amante, no sentido correto do termo.

E sei que, em sua companhia, transpus fronteiras vibratórias bastantes. Quando atingimos um plano de vida para mim insuportável, ela deu-me a sua mão alva para segurar, tendo por ela me transmitido imenso coeficiente de forças. Era um lugar onde a vida tinha de ser desenvolvida em grau altamente divinizado. Tudo radiava beleza intraduzível, cores, sons, harmonias, melodias, amor e inteligência deslumbrantes. No fundo de tudo pairava, parecia-me, sombra apenas de terrenas paisagens. Os castelos, os jardins, as flores, as águas, as praças, as ruas, tudo era feito como de encantados elementos terrenais, pois, embora sendo como que os mesmos em natureza, eram diferentes, profundamente diferentes, em suas condições ou estados de ser. O sublimado parecia ter atingido ao máximo, para mim que, mal sabia, teria de, mercê de Deus, ver, saber e sentir mais, muito mais, sobre a onipresença de Deus, dentro em breve.

Quando logo mais entramos para dentro de uma vivenda, cujo chão parecia ceder ao meu peso, pois era tudo muito extratefeito, apresentou-me ela a um homem, mas a um homem que parecia feito de luzes. E o homem, tendo-me atendido com toda a bondade imaginável, fez-me sentar em uma cadeira que, também, parecia querer ceder à pressão do meu contato.

O homem sorriu e falou, explicando:

– Há uma sensível diferença de densidade específica, entre os elementos constituintes do seu corpo e a matéria deste plano, para assim me expressar. Tudo o que há, para efeito de variação, no infinito da Obra de Deus, é diferenciação específica por estratificação. Aquilo que no plano da matéria é assim, por ser relativo à matéria, em geral ou em qualquer sentido de suas condições substanciais, dá-se em correspondência, no plano espiritual, por leis morais. Variações, portanto, subsistem ao infinito, nos dois planos; no material por estratificação, e no espiritual por moralização. Como somos participantes dos dois planos, ainda, eis que o senhor, irmão Alonso, estando em contato com este plano um tanto superior ao seu ótimo, experimenta a falta de equilíbrio moral e a fluidez dos elementos materiais.

– Julgo compreender perfeitamente, caro senhor – respondi, reverente, dada a imensa superioridade que aquele bondoso homem refletia.

E digo bondade, querendo entendam bem, não estar esta, apenas, sendo refletida na forma de trato do homem para comigo; é que, dele, por razões psíquicas e radiantes, emanava um profundo sentimento de amor fraternal, que atingia a mim e a tudo, parecia-me, influenciando sobre o ambiente em geral.

Depois de tudo, fui com ele e mais aquela mulher, para o jardim que era fronteiro à bela vivenda. E o homem disse-me, depois de colocar sua poderosa mão direita sobre minha cabeça:

– Este plano da vida é belo; mas o mais belo está no íntimo de tudo e todos, porque é o PRINCÍPIO DIVINO DO UNIVERSO, ao qual chamamos Deus, de um modo ou de outro. Quero que faça um exercício introspectivo, de ordem essencialmente espiritual. E quero que o faça aqui, ao ar livre, pois que Deus não é escravo de nossas inferioridades. Pense, pois, em Deus, que nós o ajudaremos.

E aconteceu comigo, aquilo que já citei linhas atrás. Depois do deslumbrante feito, despediu-se o homem de mim, desejando-me felicidades. Entregando-me aos cuidados daquela fulgurante mulher, mandou-me de volta, para o meu país astral, onde teria de encetar novos serviços.

A mulher colocou-me onde estava, ou onde me encontrara, ao lado da fonte. E ao se despedir, disse-me:

– Não te esqueças, amigo Alonso, de que novos conhecimentos significam novas possibilidades, e que novas possibilidades significam novas responsabilidades. Vê que, de mais alto, seres benéficos velam e zelam por todos os seus irmãos menores em evolução. Aquele irmão, caro amigo, tem em mãos o teu álbum histórico, que data desde um tempo remotíssimo, quando foi teu santo de adoração, numa civilização de que a história dos homens não tem conhecimento algum.

– Como se chamou ele? – perguntei, interessado.

– Aos olhos de Deus, diremos assim, o ser vale pelo seu todo intelecto-moral e pelas suas capacidades produtivas postas em funcionamento. Um nome? Para que um nome a mais ou a menos, para quem tantos teve, honrando a uns e não a outros? Direi que foi um agente do Cristo Planetário, que desempenhou regular e fiel missão naqueles remotos dias da humanidade. E que o senhor o teve como Cristo por várias gerações, por muitas encarnações.

– É interessante, senhora, saber disso. E teria sido um erro o tê-lo concebido como se fosse o próprio Cristo Planetário?

A lustral senhora sorriu, e dos seus meigos olhos partiu como que um convite para mais aprofundados conceitos do amor puro. E falou, com sua voz maravilhosa:

– O sentido moral da ação é quem a dignifica; logo, quem acertar num ponto superior a sua mentalização, deve procurar vivê-la. Ninguém tem o direito de saber de um modo e de proceder de outro, quando se tratar de compromissos fundamentais. Portanto, quando o adoraste como se fosse o próprio Cristo, estejas certo, ao próprio Cristo adoraste, por intermédio do irmão. Piores coisas fazem aqueles, que, falando em Deus, apelando para o Cristo pessoalmente, ofendem a seus irmãos, por razões sectárias, pessoais, etc. A terra dos encarnados, e a terra dos desencarnados, estão repletas de seres, que, ainda e por muito tempo, adorarão ao Cristo pessoal, na figura de muitíssimos de Seus contínuos, de todas as graduações. O que cumpre é jamais indispor-se com a mais pura lógica, aquela que seja imanente ou decorrente da própria VERDADE.

– Que é a VERDADE, nesse sentido?

– Não existe diferença, num estabelecimento industrial, por exemplo, entre a condição social do patrão, do engenheiro chefe, dos subalternos, dos operários entre si? É claro que sim, pois não? No entanto, amigo, considera que todos os elementos componenciais agem para um só fim, formam o todo harmônico, sendo que ninguém é desmerecedor de respeito, no exercício de sua função normal. O patrão e seus imediatos jamais fariam a produção, sendo que os operários, por sua vez, não saberiam encaminhar o sentido da produção. Logo, cada qual faz

jus ao seu galardão, segundo seja maior ou menor o teor de sua influência coletiva e técnica, ou administrativa, etc. Depois de Deus, todos os mais são funcionários, e a ninguém nos cumpre desonrar, uma vez no plano normal de suas atividades. Nos planos inferiores da vida, amigo, não existe esse respeito pelo trabalhador; ou por questões de raça, política, seita, religião, cor, ou de fronteiras, etc., movem-se campanhas contra obreiros do bem e tudo fazendo sob a invocação de Deus ou do Seu Cristo. Verifica bem o que se passa no setor religioso, meu amigo e irmão.

E sumiu-se de minhas vistas.

Em busca de serviço

Saí de perto da fonte, depois de aquela mulher ter sumido de minhas vistas, todo regorgitante de pruridos sublimes. Queria servir, assim como tinha sido servido, com amor e devoção. Por isso, fui para a minha moradia com a idéia de procurar um trabalho. Para tanto, falei a um companheiro de habitação, para julgar de si, qual o trabalho que me seria adequado, uma vez que não queria eu ir, em busca do tal chefe mencionado. E o amigo, disse-me:

– É evidente que alguém esteja aguardando seu pronunciamento. Esse período de férias, Alonso, também faz parte do programa, pode estar certo. Portanto, fique tranqüilo e porte-se com toda a simplicidade possível.

– De preferência, queria saber do melhor por fazer. Qualquer trabalho me não serviria. Quero me seja dado um serviço cujo fim comporte, para mim, sentido reintegrante. Sempre ouvi dizer que o serviço de reparação corresponde ao da falta cometida, e, nesse caso, se o for da Suprema Justiça a vontade, ser-me-ia grato agir num sentido mais intelecto-moral do que outro qualquer.

O bom homem repetiu:

– É sempre útil ser temperado para todos os fins. Como já disse, prezado amigo Alonso, no seu caso, como criatura que falhou num mandato que comportava a cooperação junto a milhões que agiriam no programa renovador do pensamento humano, mais acertado é aguardar o pronunciamento de alguém que lhe venha ao encaicho. Tenho plena certeza que isso se dará, pois, o seu dever está de pé, a sua parte está por ser executada. Por ter penado nos planos inferiores da vida, por ter sofrido, não quer dizer tenha-se desfeito da obrigação...

– Nisso não tinha pensado... – comentei, pensando coisas diferentes.

E o bom amigo, esclareceu:

– De fato, respondeu apenas pela falha moral e segundo o grau de conhecimento de causa; a reparação da falha prática ou técnica, amigo, está na execução do mandato, para mais cedo ou mais tarde. Assim se deu comigo...

– Consigo?... – atalhei, procurando fazer que falasse sobre o seu caso.

– Sim – prosseguiu ele – assim se deu comigo, e por falhar vezes seguidas, não apenas uma só vez. Por coisas próprias do mundo carnal, por fanatismos e superstições, neguei razão ao trabalho de levantamento espiritual da humanidade, cooperando no plano das trevas, tudo fazendo pela estagnação. Como sabe, o Espiritismo vem, em sua fase nova de Doutrina, desde os dias de Joana D'Arc, desde o seu período preparatório de organização. E tendo por vezes voltado ao mundo, ao tempo de outros vultos revolucionários, sempre fiz o

possível pelo malogro das coisas do Senhor, julgando estar, com isso, ao serviço do Senhor.

– Então – observei – estou falando com um mestre de experiências? Muito bem! Creio que o prezado amigo me irá auxiliar muito...

– Como? Mas como, amigo Alonso, se ainda devo o meu serviço? – interrompeu-me ele – Ainda não fiz o que me tocava!... aguardo oportunidade... Penso ter de voltar ao mundo e cumprir minha obrigação. Sinto que se isso não fizer, que se não contribuir com meus esforços pelo bem dos outros, também não poderei melhorar de condição, não poderei subir na escala hierárquica.

– Isso mesmo! Isso mesmo! – repetia-lhe eu, eufórico, sem saber bem porque razão.

– Mas quem lhe disse? Quem lhe disse? – indagava-me o bom amigo.

– Deus! – disse-lhe, firme, com toda a convicção possível.

– Não brinque com coisas sérias, pelo amor desse Santo Nome! – disse-me o bom homem, ele que tinha suas tranqueiras na vida, mas que para mim era bom.

De dentro de mim, porém, do profundo do eu, vinha-me a convicção de que, de fato, algo de importante se estaria passando, alguém estaria tramando, em favor de nossos interesses mais sublimes, programa recuperador... Por tal razão, pois, julguei bem proceder tomando a iniciativa de não mais discutir sobre a questão, com o bom amigo. Que as coisas caminhassem, portanto, segundo os chefes determinassem. Alguém teria de dizer-me alguma coisa, mais cedo ou mais tarde. Não poderia ficar eternamente, nem em férias nem sem serviço programado. Estava farto de saber que, espírito sem serviço, sem chefes e sem programa, não pode ser espírito feliz nem em marcha contínua para os planos superiores...

O amigo ia sair para as suas obrigações; e fui com ele até uma praça próxima, onde, à noite, reuniam-se amigos e parentes, criaturas entre si simpatizantes, do mesmo modo que na Terra. Porque, o fato é que usos e costumes da Terra prevalecem deste lado, muito mais do que pareceria natural à mente de qualquer encarnado. Pelo saber só, não é que se escalam planos elevados; e sem meio ambiente correspondente, onde e como viveríamos? A Sabedoria Divina é integral no saber dispor das leis; por isso mesmo, tantas terras mais existem, no duplo etéreo da própria Terra, que, impossível seria faltar casa para quem quer, e de acordo com os seus merecimentos.

Quanto ao saber, repito, quanto à fé, em Deus e em Suas Leis, isso não é medida salvadora, por si só. É fator importante, mas, isolado dos testemunhos

práticos, nada mais faz do que sua relativa parte. Assim sendo, tendo bastantes conhecimentos sobre o espiritualismo geral, a falta, sabia-o bem, era no sentido da prática. Precisava dispor do material de vez que, tê-lo, somente tê-lo, de bem pouco valeria, depois do estado de paz e bem estar que tinha readquirido. De gente sábia em coisas do espírito, estão cheios os planos de dor! Titulados de todos os matizes religiosos do mundo, gemem suas ingratidões práticas nos abismos aparentemente sem fim! Dessa verdade tinha eu mesmo conhecimento, de nada precisaria mais, do que lembranças tristes, para ter a verdade, nesse sentido, ao inteiro dispor.

Fim das férias

Ao cabo de quinze dias, pois, como aguardava, terminaram as férias. Um homem do corpo de administradores da cidade procurou-me, dizendo-me:

– Venho da parte da governadoria, sr. Alonso, para convidá-lo a uma aplicação de atividade. A aceitação significa a permanência nesta região, enquanto que a negação significaria o afastamento obrigatório.

Eu esperaria isso? Nunca! No entanto, amigos, como conservasse em mim o poder mental de sempre, no sentido de conceber-me partícula divina distinta, também tinha de atender a uma tão fria ou pragmática exposição da situação. Quem se diz emanção divina, quem em si reconhece fundamento celeste e celestiais objetivos, tem obrigação de procurar agir com a distinção correspondente. Foi nos livros ocultistas onde aprendi semelhante doutrina; isto é, saber que tudo quanto existe no plano manifesto do que existe, do que sabemos praticamente que é, corresponde exatamente às razões divinas de sua origem. Era bem feito, pois, que recebesse aquele convite: “ou trabalha ou deixa a casa”.

Respondi, portanto, ao digno emissário do poder governativo:

– Muito bem, meu senhor; confesso que as autoridades têm suas razões. Estive ferindo um pouco, quando, na realidade, como espírito falho em realizações, deveria ter, imediata e decididamente, procurado uma aplicação das possibilidades.

E ante a figura pacata do emissário, que se mantinha calado à minha frente, achei de bom tom emendar:

– Que a governadoria me indique um trabalho; sinto-me como quem sabe que deve agir, mas, sem saber como, quando e onde.

– É caso sério falhar numa prova, quando se tem todas as probabilidades em matéria de meios, conhecimentos e ambiente precisante – comentou o pacato homem, meneando a cabeça negativamente.

E tive de concluir que, mais uma vez, o sentido moral da falha implicava em sérias dificuldades por vencer. Afinal, ao invés de um convite para o trabalho, em molde fraterno, tinha um convite para trabalhar ou deixar penates. Levando em conta minhas falhas conscientes no mundo, e sentindo o peso da lei em base de reação eqüitativa, imaginava em programa salutar de trabalho, onde somente à custa de severa aplicação pessoal, poderia redimir aquelas mesmas falhas comprometedoras. Em resumo, nem sabia como me oferecer nem como me impor.

– Quer seguir meu conselho? – indagou-me o homem num momento, em que sua palavra valia como um refrigério bendito.

Por isso, respondi prontamente:

– Seu convite vale por uma benção de Deus! Aceito, seja para o que for, pois sei que, apesar da rigidez da lei, o fim é elevar as criaturas.

– Os próprios tribunais da terra – considerou ele – condenam segundo o conhecimento de causa do delinqüente. E o senhor se valeu do muito conhecer, apenas para efetivar vaidades discusionais junto de amigos e adeptos de credos em geral. Sua erudição foi, não só falha de sentido prático ou construtivo, como, também, criminosa. Procurou, com ela, amesquinhar saberes alheios, pisar sobre a simplicidade construtiva de quem, muitas vezes, sabia muito menos e praticava muito mais.

E nesse momento, francamente, como me revi integralmente aéreo no mundo! Que sensação de dor moral me invadia a alma! Sentia-me como precisante de amparo, de apoio, quase de esmola! E foi por isso que disse, baixando a cabeça:

– Preciso de auxílio... Serei grato para com tudo quanto me façam, no sentido de orientação redentora.

– Muito bem. – disse o homem – Muito bem. Vou levá-lo e entregá-lo a quem de direito. Espero se dedique ao culto do bem geral, começando por beneficiar aos irmãos mais precisados, por saber que nenhum bem pode começar de cima para baixo, mas sim, de baixo para cima. Não se esqueça de que o Mestre Planetário, veio em busca dos pequeninos do mundo, dos Seus irmãos em geral, não se entregando apenas a fazer expoenças doutrinárias, fúteis e falhas de sentido prático.

– Vou reencarnar brevemente? – arrisquei a perguntar.

– Antes, porém, terá que trabalhar uns três anos em serviços nobres, porque, sem esse preparo, iria ao mundo para se deixar arrastar pelo pesado lastro do passado, redundando em mais ruína. Para uma boa performance no mundo, amigo Alonso, preciso se faz uma preparação psicológica prática. O só saber o que seja bom, o puro intelectualismo, de nada vale como força de embalagem construtiva e feliz. Portanto, não se esqueça de que irá ter grandes oportunidades de serviço, antes de reencarnar.

– Trabalhando junto dos espiritistas encarnados? – aventurei.

– Não; atendendo grandes sofridos advindos dos baixios... Curando irmãos em suas chagas mais íntimas, à custa de seus naturais dotes magnetizadores...

– E o senhor está bem a par disso tudo? Sabe que treinei nesse sentido e que conseguia exteriorizar com facilidade o natural poder magnético?

– Eu fui o seu guia, ou o seu anjo da guarda, como querem outros, durante os seus dias terrenos... De minha parte, amigo Alonso, fui correto em tudo, distribuindo meios, conhecimentos, oportunidades, etc. Fiz o meu serviço, como deveria mesmo tê-lo feito, sendo que o senhor procurava se acercar do saber, na mesma proporção em que se afastava do agir, do dever de corresponder ao conhecimento adquirido.

Desta feita, amigos, pouco ou nada tinha para pensar; tudo era para dar-me o direito de me tornar um basbaque. E creio que vivi muito bem essa fase material e moral, pois, não estava apenas ante um irmão qualquer, mas, em frente ao amigo mais direto, mais próximo, em matéria de intercâmbio de obrigações. Eu bem sabia que nunca falta um agente intermediário, invisível ou às vezes em parte visível, entre o ser encarnado e os poderes superiores da vida. O de que nunca me havia ocorrido pensar, porém, é que tivesse um dia de enfrentá-lo, para dele ouvir palavras e conceitos dolorosos, que o eram, para mim e para ele.

E derramei lágrimas doloridas. Ele, por sua vez, também fê-las deslizar pelas faces serenas, onde um sulco fazia se expusesse uma dor íntima. E tive vontade de ajoelhar-me a seus pés, de pedir-lhe perdão, por tanta ingratidão consumada. Por fim, foi ele quem me veio abraçar, comovido e tolerante. E me disse:

– Eu, ou qualquer outro, amigo Alonso, poderia ter feito pior... Quero apenas que vença, uma vez que sua vitória refletirá sobre mim e sobre muitos de nossos irmãos. Afinal, por se entrosarem na vida todos os interesses, embora sendo distintos em parte, somos sempre interdevedores de fato. Ninguém acerta nem erra sozinho... eis a dura regra...

– Venha de onde vier uma razão atenuante, não a aceitarei, caro senhor; faço questão de assumir toda a culpa possível, pois, jamais alguém teria o direito de ser tão ingrato, para com quem é tão nobre e dedicado amigo. No que vier a me ser dado fazer, sendo consciente, tudo farei para merecer perdão. Deus há de querer que assim seja!...

– Deus sempre quer o bem, amigo Alonso. – anuiu o bom homem – Nós, porém, dispondo do direito relativo de nos usar bem ou mal, julgamos que Deus, de tempo para tempo, de momento para momento venha a ajudar ou desajudar, a fazer favores ou desaforos. Não consigo apelar para o Supremo, assim como o fazem muitos, pretendendo que Ele se torne particularista; sei muito bem que Deus é, em tudo o que é, em sentido geral ou universal, e que, regendo por leis, por leis deve ser buscado. Tudo o mais, caro Alonso, é falho de lógica.

– De fato – intervi – deve ser assim mesmo. Como poderia tornar-se Deus ou Sua Justiça, de atuação particular? Devem ser as leis, quanto muito, particularmente diretas; nunca, porém, que Deus em si se dê ao serviço falho de abrir ouvido a uns e não a outros, por isto ou por aquilo, às vezes sim e às vezes não. Quem dá segundo obras, por certo que o faz por leis; e as leis devem ser definidas, porém, não particularistas.

– Exatamente, pelo menos para mim – concordou o bom homem.

E esclareceu certos pontos, dizendo:

– No âmbito do mecanismo das reencarnações e dos acontecimentos dele derivados, os seres são atingidos pelos seus próprios feitos, embora os tempos encubram aparências e modifiquem o ambiente de trabalhos. Veja, amigo, que vindo nós dois de longos séculos, presos um ao outro por cadeias intelecto-morais, por compromissos sérios, aqui de novo nos achamos, frente-a-frente, para traçar rumos e resolver problemas. Cheguei a ser, em dia que aparentemente vai longe, um grande teorista; e você foi, amigo, o mais avançado discípulo. Assenhoreou-se bem de tudo, principalmente do falar muito e fazer pouco...

E estacou, como que a medir a extensão natural das leis, em suas possibilidades flexíveis, mas justas. Depois, argumentou, pensativo:

– Não teria sido você, nesta última vida na carne, o motivo usado pela Suprema Justiça, para fazer-me pensar e sofrer, e, assim sendo, reequilibrar moralmente a situação? E você, Alonso, não teria ido apenas para o que foi, para em reconhecendo e sofrendo, também, reajustar-se em si mesmo, preparando-se para dias e condições melhores?

Fez outro estacato, bem longo, tendo em seguida ponderado:

– Quem diria ter sido essa a razão de nunca ter podido interferir no seu direito de livre arbítrio, como em muitos outros casos se dá, podendo-se enveredar o ser tutelado para rumo melhor? Porque, afinal, sempre que queria forçá-lo pela dor, por qualquer meio fácil de encontrar e de aplicar, sempre intervinha um alguém a dizer:

– “Não faça uso desse recurso... Deixe-o à vontade... Deus sabe o que faz... Seja resignado... Queira sofrer com o seu tutelado... etc.”

– Seus superiores nunca lhe disseram nada? – perguntei.

– Naquela região brilhante onde estive, indicaram-lhe diretamente qualquer coisa por fazer, qualquer plano por realizar? Não é certo que, embora indicando a direção, nem por isso determinaram o caminho?

– Como sabe disso?...

– Tenho o seu dossier em meu poder, para efeito de diretriz por seguir, para seu e meu bem. Mas, nada mais sei do que aquilo que acabo de dizer. Tudo me está como que encoberto, como que confuso...

– Não tem a quem recorrer para fim de colher informes orientadores?

– Tenho uma entrevista marcada para amanhã, com o chefe do departamento de transferências; não sei, todavia, dada a rotina, para que fim será a mesma, se para tratar de caso pessoal, se para fim de serviços, como de costume.

– É para quem tem ordem de me apresentar?

– Isso, no caso de querer aceitar um trabalho... Do contrário, amigo Alonso, teria de migrar para outro plano de vida e condições, bem mais sofrível. Peço, porém, pelo amor de Deus, que aceite um trabalho. Seria horrível fazer o contrário disso, mais para si que para mim, mas, em geral, doloroso em seus efeitos.

– Prometo ser-lhe fiel ao máximo, caro senhor. Tenho para consigo um grande débito, embora confesse o senhor, ser, em parte, motivador direto disso tudo. Hei de fazer tudo para vencer, também. E quero me apresente o mais depressa possível à autoridade competente. Já e já, caso seja possível. Tenho um incontido desejo de trabalhar e vencer. Reconhecer no passado os motivos da difícil situação do presente, não me é desagradável; pelo contrário, gosto disso.

O homem sorriu, satisfeito, tendo comentado:

– Quanto tempo temi por este encontro! Temia pelo seu modo de pensar e temia pela minha ignorância, por tanta falta de certos conhecimentos, de minha parte. Temia, enfim, pela treva que me tolhe o conhecimento de certas verdades. Agora, porém, dada a sua boa vontade e desejo de vencer, uma grande, a maior parte dos prejuízos derretem-se, tornam-se fúteis.

– Deus nunca fecha os caminhos a quem quer – considere.

– De mim – disse ele – sei que Deus nem fecha nem abre, pois, em Deus e para Deus, com Deus e por Deus, tudo é como é, por fundamento inalterável. Ao que dizemos ser por intervenção particularista de Deus, nada mais é do que reação de nossas ações, por via de leis que imperam, intervindo e fazendo intervir seres e acontecimentos. Deus está, como Sagrado e Íntimo Agente, muito acima de nossas falsas concepções. Prova isso, amigo Alonso, o fato de ignorarmos relativíssimas leis e seus efeitos. Como, pois, quereremos discernir a Suprema Lei?

Lembrei-me dos conhecimentos adquiridos na Terra, à custa de ler tudo quanto me fora possível, em torno às revelações; e por temer as divergências entre teoria e prática, balbuciei:

– Os credos do mundo podem estar certos em suas linhas gerais; mas, deste lado, o panorama prático revela-se bem outro, bem diferente!... O seu caso, por exemplo, dá-me muito o que pensar. Porque francamente, estando em relativa paz, tendo por moradia um plano de justiça, sabendo muito dos porquês, é, no entanto, ou continua a ser escravo de uma situação criada por suas ações, à custa de pensar como pôde ou como quis, livremente. E, para os credos do mundo, todos eles ornamentados com florões milagreiros, absolvicionistas e favoritistas, não pareceria que, um tal espírito pudesse, depois, de ser de tudo isso consciente, ser livre de tantas auto-influências? Onde está, pois, o Deus particularista das religiões mercantilistas e inçadas de hierarquias? Onde estão os céus vendáveis? Onde o perdão? Onde a ira de Deus, segundo as versões antigas? Onde a liberdade total dos seres, segundo os conceitos panteístas orientais? Onde o poder do espírito à revelia das leis fundamentais?

– De qualquer forma – interveio o bom homem – por leis governa Deus o mundo dos seres e das coisas, e por leis devem os homens vencer ou fracassar! Jamais tive oportunidades, estas ou aquelas, para poder pensar em contrário, desde que estou por estas bandas da vida. Leis, leis, sempre leis, graças a Deus! E nunca tive conhecimento de que uma lei houvesse, que revelasse a Deus como particularista. Sempre gerais são as leis, e, quem se enquadrar em qualquer delas, vem a se achar segundo como ela determine. Quem quiser melhorar, pois, que se enquadre em melhores e mais sublimes leis. O resto é falácia, apenas falácia! O homem terá sempre, por moradia, precisamente aquele ambiente que para si tenha preparado, à custa de cultivar leis, estas ou aquelas.

– Felizes os que amam muito! – tive de dizer, num ímpeto, movido por estranho e sublimado poder.

– Graças a Deus! – disse uma bela figura de jovem, que a nosso lado se fez visível.

E o bom homem arrojou-se a seus braços, chorando de alegria e exclamando:

– Minha irmã!... Lourdes!... Como estás cheia de graças!...

Depois, passados os instantes primeiros e de choque, apresentou-me:

– É Alonso, um amigo e um sócio em venturas e desventuras...

– Sei de tudo. – disse ela – Estava aqui faz muito tempo, além de saber do que ocorre entre nós todos, desde remotos dias. Também tenho parte, também sou da sociedade, nas venturas e desventuras. E, como Deus quer o melhor para todos, de hoje em diante, um dia novo e mais cheio de luz brilhará para nós.

Minha alma exultava, todo o meu ser vibrava, ante aquela expressão sublimada da espiritualidade, que se apresentava pessoalizada num ente a quem sentia estar bem perto de mim, de minha sorte e dos meus mais íntimos interesses. Naquela região em que havia estado, de grande esplendor celestial, tudo era bem, tudo era muito maior; mas, tudo era grande demais, antes me fazia sentir mal do que bem. E esta jovem, fascinante de virtudes espirituais, linda como um anjo, parecia trazer consigo, o poder de balsamizar dolorosas feridas de alma.

O céu em sua integralidade, perturbar-nos-ia a vida. Assim é que posso praticamente dizer. Para nos sentirmos bem em face da VERDADE, preciso se faz se torne ela fracionável em extremo, oferecendo-se à apreciação por nuances tênues e ao par de nossas possibilidades de assimilação ou absorção. E, como antes de nós pensarmos, já procede Deus de modo mais justo, através de leis, ali estava, pensei de momento, quem viria ser luz em nossos caminhos. De muito que estava consciente de jamais agir Deus, ou qualquer das autoridades superiores, de modo direto; de muito que sabia haver, entre Eles e Seus dirigidos, vastidões de cadeias hierárquicas, falanges de seres em trânsito para os planos superiores da vida, e que, em servindo assim é que para lá vão, como acontece conosco. Por isso mesmo é que sinto repugnância pelo que medra no mundo, nos dois planos, de religiosismo tacanho, desse religiosismo que quer engolir Deus através de nojentos beatismos, enquanto vomita sobre o próximo a bÍlis dos mais feios e anti-cristãos procederem.

Aguardava, portanto, um mundo de coisas daquela moça, que mais não era que um pouco do céu em boa dosagem. Seria como uma pedra no caminho de um Francisco de Assis... irmã para servir e ser servida. E foi com elevado penhor que a ouvi dizer:

– Acompanhem-me...

E quando menos esperava, eis que já me tinha em trânsito para uma bela região, um lugar simples e sob o encanto de uma paz celestial. Ir para o ar, viajar sob o impulso de superior poder, foi só por ter querido ela que assim fosse. Não é que isso fosse difícil para mim; mas é que, desta feita, fi-lo sem querer e com todo o coração respirando livre consolo, suave esperança e firme confiança. Ela era como um alguém que bem pesava na balança dos meus velhos tesouros de alma. Eu o sentia francamente.

– E que tal acham esta vilazinha? – perguntou ela, correndo a vista em torno, detendo-se nos acidentes de terreno, deixando-se absorver pelo profundo horizonte, emoldurado de vales e montes.

– Só a paisagem conforta a alma! – falou o bom amigo, extasiado.

– Há um sentido de paz aqui, bem diferente de outros que tenho experimentado, senhora Lourdes. Aqui já devo ter vivido, aqui já terei sonhado, neste berço terei dormido. Meu ser parece que se reencontra de novo, minha alma parece que volve, em tendo de novo este lugar ante suas vistas, ao seu estado natural. Creio que me dará a explicação de que careço – foi o que lhe respondi.

– Bem... Bem... – disse ela, estacando e pondo-se pensativa.

– Se lhe não for possível dizer... – concordei, notando-lhe a preocupação.

– É que tudo depende do seu desiderato, do seu querer aceitar um serviço redentor. – emendou ela – O senhor errou com conhecimento de causa, de sorte que deve procurar reparar as faltas, decisivamente, deliberadamente. Assim como se for tornando merecedor, por prática ressarcitiva, assim se lhe irá abrindo o panorama do passado, até o total reencontro de si mesmo, no seu estado ótimo.

Senti-me invadido por um rasgo de tristeza, de dor moral, ao ouvi-la dizer aquelas palavras, que valiam por uma sentença, ou pela transmissão da mesma. E disse-lhe, reverente:

– Sei que é intermediária entre a Justiça Divina e os meus erros, de conformidade com a profundidade mecânica das leis de causa e efeito. Peço, por isso, para que leve em conta esta minha confissão de fé penitencial: quero servir ao meu próximo, ainda que me custe o que for, por saber que, só assim, só por essa via sacra, poderei servir a Deus, libertando-me das falhas. Aceite este meu protesto de redenção, fazendo que seus conselhos se transformem em ordens superiores.

– Nesta região, em suas variantes condições ambientais, isto é, do seu mínimo ao seu máximo poder expressivo, o senhor viveu os seus melhores dias de ser consciente. Como sabe, cada céu ou faixa subdivide-se em quatro zonas. Está, pois, amigo Alonso, devolvido ao seu plano natural de merecimento, de quem esteve afastado por muitas dezenas de anos. Espero, como diz e creio, faça-se merecedor do que está sendo dado adiantadamente...

– Bem o sinto, senhora Lourdes.

– Chame-me apenas Lourdes, pois já fui sua filha, num tempo em que foi um pai extremamente bom...

Não quero dizer, não é preciso, em vista de saberem todos o quanto de sublime há num reencontro destes. Fundimos nossas almas num pranto feliz, embalando nossos eus para os mais ternos e puros sentimentos.

Velhas Amizades

Tendo acompanhado Lourdes à sua residência, que se convertera em nossa, vim a travar conhecimento e a trocar amizades, com seus pais e demais parentes. Um jovem, também, enamorado de Lourdes, tecia o romance de sua vida, freqüentando a casa, preparando-se para novos ingressos no plano físico da vida, onde seus sonhos haviam de merecer as bênçãos superiores.

E como o Consolador prosseguia, nos dois planos, a engendrar a unificação religiosa, tinham eles por função, por dever de trabalho, atender ao apelo de parentes do mundo carnal, que, por necessidade, haviam procurado o Espiritismo. O rebate atingira ao plano devido. Suas preces foram ouvidas. E as autoridades cumpriram seus deveres, enviando meios e possibilidades de trabalho, havendo procurado, dentro do elemento inteligente, seres afins, criaturas entre si ligadas por profundos liames históricos, morais e intelectuais.

Ao primeiro contato, pois, fui posto a par de tudo, em linhas gerais. E aquele homem venerando, que na última passagem pela terra fizera o papel de pai de Lourdes, disse-me:

– O que você não fez intelectualmente, distribuindo dádivas informativas durante a sua última vida, fá-lo-á agora, com trabalhos práticos através exercícios por vezes duros. Todo caso, como há sempre o tom natural, em tudo e para tudo na vida, aqui ou onde for, para este ou para o fim que seja, creio que, com um pouco de simplicidade, tudo fará bem.

E quando ao dia seguinte, pela manhã, acordei, tive um sonho fantástico para contar. É certo que o senhor Rogério sorria inteligentemente, assim como quem já está a par de tudo. Calei-me, é claro, vendo-o assim, bem como a todos os mais, todos, quem mais e quem menos, cientes do que havia ocorrido.

– Diga, diga, Alonso; que é do seu relato que faremos um apanhado do seu estado de alma e de sua disposição anímica, para com certos deveres por executar.

Tendo ouvido o senhor Rogério assim dizer, falei:

– Foi um sonho maravilhoso, sem dúvida, embora, por vezes pontilhado de acontecimentos esquisitos e sofríveis. Lembro-me bem de ter sido procurado por um homem robusto, muito alto, rosto alegre, olhar profundamente penetrante e voz de um tom regularmente grave, unvida de paternal assento nas inflexões. Este homem me disse:

– Vamos dar um passeio pela sua história? Há muita coisa interessante para você saber.

E eu lhe respondi afirmativamente, dado que todo ele era amigo:

– Vamos... Mas, fará o senhor isso? Teremos de ler muita coisa?...

– Não – disse ele, sorrindo e acrescentando:

– Muito mais do que nós sabe Deus, não acha?

– Sim, sem dúvida. – respondi – Todavia, não convém confundir o que sabe e o que pode Deus, com o que sabemos e o que podemos nós. Quando muito, senhor, o que podemos e devemos fazer é confiar em Deus...

– Meus princípios são outros, caro senhor Alonso...

– Conhece-me?...

– Sim; mas prefiro tratar dos princípios a tratar de qualquer de nós. Pelos princípios poderemos atingir a humanidade, muito mais facilmente do que procurando fazê-lo por intermédio de uma pessoa, seja ela quem for. E assim sendo, amigo Alonso, viver confiando em Deus é prova de malbaratar a vida. Isso não é coisa que se pense e faça, pois, quer Deus que saibamos tanto, a ponto de servirmos de canais ou filtros de Sua infinidade, em todos os sentidos.

Enquanto ele falava, coisas estranhas se passavam, pois o ambiente modificava-se constantemente. E ele prosseguia:

– Os espíritos chefes, das galáxias e dos sistemas, dos planetas e dos povos dos infintos mundos, não são aqueles que apenas vivem confiando em Deus. São aqueles que lutaram, que lutam, por mais conhecimentos e aprimoramentos de toda ordem. Confiar em Deus é qualquer coisa que pesa na balança das virtudes positivas, mas não é tudo. O tudo é um conjunto de fatores. Portanto, amigo Alonso, o que nos cumpre é confiar trabalhando, investigando, progredindo sempre.

E num dado momento, havendo atingido um lugar solitário, ermo, desértico, tivemos também um mar pela frente. E eu lhe disse, pasmo:

– Mas, amigo, isto não parece a Terra física?!... Esta atmosfera grosseira e neblinada...

– Pois é isso mesmo! E que tem isso?... – fez ele, encolhendo os largos ombros.

– Nada, de certo modo... Mas, eu não sei como viemos parar aqui... Nada percebi sobre o caminho...

– Isso – observou ele – pouco importa; pode-se vir por variantes caminhos e por diversos meios e modos. O essencial é vir-se bem, sempre que se queira ou possa.

– Que continente é este?

– Ásia. A pátria material do Divino Mestre.

– Para que fim aqui viemos, se me permite perguntar?

– Já o proibi perguntar o que queira? – disse ele, num tom humilde.

– Não... Mas este sonho não me está agradando muito... – ponderei, consciente que era de minha condição de ser extra-corpóreo, embora meu corpo fosse o de um desencarnado, um corpo perispiritual.

– Sabe que está sonhando?!... – disse ele, muito surpreso.

– Para mim, senhor, tenho inteira certeza que deixei um corpo no leito, lá naquele lugar do astral, de onde o senhor me tirou – respondi, mais do que convicto.

– Então – disse o homem – vamos para a nossa região, de volta e sem perda de tempo, porque temos muito que fazer. Siga-me, por favor.

E não precisava ter pedido por favor, por duas razões: uma, que eu queria mesmo voltar; duas, que ele exerceu sobre mim um tal poder, que, quisesse ou não quisesse, teria de segui-lo. E num piscar d’olhos, entrava triunfal na região de onde tinha saído. E como me sentisse livre, superior, mais penetrante e lúcido, achei oportuno dizer-lhe:

– Gostaria de ficar sempre assim... Não seria possível?

– Agora, meu amigo, nada sei disso; não por impossibilidade, e sim por via dos seus merecimentos, isto é, do que lhe toque de fato por turno. Como sabe, os nossos corpos podem ser dos mais aos menos grosseiros. E embora haja meios vários para alcançar isso, o processo é um só: retificação. Milagres não existem na Obra Divina, e, por isso, leis regem tudo para todos os fins. Terá de retomar o seu corpo perispiritual mais denso, tudo fazendo por sublimá-lo, através de obras dignificantes, de testemunhos superiores.

– Concordo plenamente consigo. E vamos então ao meu corpo?...

– Não, vamos por aqui – disse, levando-me para imenso casarão, engastado no centro de um lugar solitário, rodeado apenas de lagos imensos, em cujas águas os raios lunares reverberavam deliciosamente.

E quando já no local, tendo-me apresentado a um funcionário da casa, disse:

– Este senhor, amigo Alonso, terá de fazê-lo retroceder na história, pelo menos o suficiente para torná-lo consciente de certas verdades.

– Em que sentido?! – indaguei, entre curioso e cismático.

– Apenas em visão retrospectiva. – disse ele – É um processo muito usado por nós, quando o espírito é falho ainda para disso inteirar-se por outros meios.

– Vai fazer-me dormir pela segunda vez? – perguntei, com vontade de rir, já que sabia ter deixado um corpo num leito e à minha espera.

– Não!... – respondeu ele, afável, mas parecendo ocultar alguma coisa.

– Então – disse-lhes – podem fazer como melhor julgarem. Eu só queria saber, que fim tem tudo isto. Não sei o que visam, de sorte que fico sem poder auxiliá-los, caso isso esteja em meu alcance.

– Trata-se de um nobre fim, embora comporte qualquer coisa de íntimo, de particularmente interessante para si. Isto quer dizer, caro Alonso, que deve querer submeter-se à prova, por duas razões superiores: uma de ordem afetiva, a outra de ordem técnica. Por uma verá alguém que lhe é caro ao coração; pela outra terá oportunidade de preencher uma lei profética do Cristo, isto é, de dar cumprimento a certo sentido do Evangelho.

– A mim?!... Eu nada fiz pelo Evangelho! – foi minha resposta.

– Fez... Uns fizeram a favor, outros fizeram contra... – emendou aquele funcionário da casa – E o Cristo disse, que através do Consolador, todos dariam testemunho. Como o senhor não deu no mundo, da última vez que por lá transitou, terá de dar agora, que é desencarnado, por meio de lei concernente. Ficarà sabendo certas coisas, e, depois, mais tarde, contá-las-á como puder.

– Bem... Como não posso servir a Deus sabendo, faço-o confiando.

– Então – disse o tal funcionário – venha comigo.

E colocou-me ante complicado aparelhamento, dizendo-me:

– Entregue-se, assim que sentir sono.

E isso foi só ele querer, para que acontecesse. E revivi toda uma vida, naquele tempo em que o Chefe Planetário viveu entre Seus irmãos menores em evolução. O que mais me chamou a atenção, porém, foi certa passagem, onde estive presente e saliente, infelizmente.

– Prodigiosa recordação! – disse o pai de Lourdes, falando pela primeira vez, depois que comecei a narrar tão estranho sonho, tão interessante experiência.

E como todos tivessem continuado, em silêncio, prossegui:

– Primeiramente, fui como que sumindo de mim mesmo. Depois, devagarinho, foi como que raiando uma linda aurora. Era um dia lindo, na Palestina daqueles dias, que jamais morrerá na lembrança dos homens terrícolas,

de todos aqueles que formam na coluna demográfica do planeta, nos dois planos da vida.

E revi-me, então, vivendo uma personalidade. Reviver é o termo preciso, pois tudo ficou sendo aquela personalidade, um homem chumbado ao obscurantismo da carne. Ao meu lado, uma velhinha, curvada sob o peso de muitos anos, que eu chamava de mãe, porque o era. E a estrada, à margem da qual estávamos, distava muito da próxima cidadezinha. Tudo, em nós, era aguardar a passagem do Profeta, para que minhas chagas fossem curadas. Triste, muito triste, era o meu estado. Revoltava-me o medo que tinham de mim. Isso me era, parecia-me, pior do que a lepra.

Ao cabo de horas sem fim, lá ao longe, nos confins da estrada, pontilhou uma nuvenzinha de pó, que se foi avolumando. O vento arrastava o pó para a frente, e isso queria dizer que vinha vindo o Homem, seguido de sua multidão de seguidores. Tudo, enfim, naqueles dias, era fervor para com o Profeta ou contra o Profeta. E a turba devia ser constituída de tais elementos em promiscuidade.

Depois de horas mais, porque o Profeta se detinha em casos múltiplos, tudo se foi tornando mais visível. O próprio vento parecia ter mudado de rumo. E ao chegar-se a turba, vinha o Profeta à sua frente, simples, sereno, como que sem se aperceber de tanto barulho que Lhe ia em redor. Nunca vi tanta gente e em tal estado de exaltação, uns teimando que sim, outros que não, e o Homem, motivo de tudo isso, sem disso fazer conta. Até parece que Ele não existia para o que de superficial havia em Sua ação, e que era ao que o povo dava atenção.

Quando chegou a minha vez, tão sonhada e tão sofregamente aguardada, fiquei como que absorto, pasmo, aéreo, ante a visão de tão possante personalidade. E como sinto, hoje, piedade daqueles que apregoam não ter existido o Cristo, de ser Ele uma invenção de literatos. Era um homem de mediana estatura, muito belo, de fisionomia perfeita, onde os traços israelitas se patenteavam, em suas mais belas expressões. Cabelos longos, repartidos como os usavam os da seita nazirena, e a barba em igual molde, castanhos, escuros de cor, levemente ondulados.

No olhar parecia trazer toda a doçura dos céus de onde devia provir. E a cor de Sua túnica era igual a dos nazirenos, dos remanescentes do profetismo hebreu, distintivo de um de seus graus, o máximo. Aliás, disto todos eram cientes: que o Profeta era mais um vulto nazireno. E os Seus pés, naquele dia, estavam apenas descalços. Nada tinha para protegê-los contra o caminho arenoso e escaldante.

Quando chegou a hora de falar, falou com um profundo assento de piedade na voz, dizendo a minha mãe:

– Mulher, o apedrejado de ontem é o teu filho de hoje. Ontem, nos dias de Moisés, apedrejaste a um irmão, pecador é certo, mas sempre digno de ensino e de piedade; hoje, esse mesmo pecador é teu filho, e tu choras como mãe, aquela dor que como irmã não foste capaz de chorar, por incapaz de compreender.

A minha mãe lhe quis falar, mas não pôde; ajoelhou-se e gemeu qualquer coisa para mim indiscernível. O Profeta levantou-se, auxiliado por dois de Seus discípulos, um muito velho, o outro muito moço. Depois, tornou a falar, olhando para algumas mulheres que O rodeavam:

– A dor é sempre proporcional ao erro. Os tempos passam, modifica-se o panorama, mas a responsabilidade nunca cessa, porque o amor gera a paz, e o ódio gera a dor. Mães dos homens, ensinai-lhes retos caminhos, para que a saúde e a paz possam embelezar a vida. Deus não vos quer de joelhos; isso é dos homens. Deus o que de vós deseja é o amor, é compreensão das finalidades da vida. E quem, mais do que vós, mães dos homens, pode ensinar esse evangelho salvador? Dai, portanto, a vossos filhos, o alimento eterno que é o pão do espírito; sem amor, não se pode nem se deve viver.

Cessou Sua palavra simples; olhou-me e falou, de novo, ordenando-me:

– Esquecerás tua doença; mas não te esqueças de anunciar o reino de Deus, que deve ser estabelecido no coração dos homens, Seus filhos.

E rompeu por entre a multidão, que abriu alas. Um homem, muito fino de trato, chegou-se a mim e me disse:

– Melhor te fora morrer leproso com Deus, do que curar-te por instância de Belzebu! Esse homem é servo de Lúcifer! Renega-o! Renega-o!

Minha mãe lhe disse coisa em contrário; e o homem lhe respondeu, cuspendo-lhe no rosto:

– Miserável! Que esperaria Deus, de ti?!...

Quis revidar, quis bater-lhe, mas não pude levantar-me. O homem se foi, depois de tudo, fazendo alarde contra o Messias. Quando minha mãe pôde refazer-se e levantar-se, veio apanhar-me pelo braço para ajudar-me a ficar em pé. Não foi preciso, porque estranho poder me suspendeu. Minha mãe sorriu, como fazia muito tempo eu não a via fazer. Que dia maravilhoso! Que sorte ter sido leproso, cheguei a pensar, só para poder ter tido aquele feliz encontro.

– E depois? – perguntou Lourdes, fleumática, certa, parecia-me, do que lhe iria eu relatar.

De minha parte, uma nuvem sombreou-me a alma, negra como negros foram meus agires, quando de mim o Cristo esperaria recompensa moral. Tudo me fora dado para que me convertesse num pregoeiro das coisas do céu, que pelo Cristo se vazavam para os homens, e que, por influência Dele, a outros fossem transferidos os deveres de anúncio. Nada fiz, bem de medo dos reacionários, não porém, por falta da justeza de tão divinos bens, de suas sagradas origens. Por isso, lhes disse:

– Esqueci do mal, consoante a promessa do Senhor; temendo, porém, a avalanche contrária, nada fiz de útil. Nem fiz por recompensa moral, nem fiz por simples respeito à melhor verdade conhecida. Nem fiz por prudência, nem fiz por piedade dos homens ou de mim mesmo. Fui um fracasso completo!

– E na hora da crucificação? – perguntou-me o pai dela, simplesmente.

– Naquela manhã – prossegui – alguns homens do povo e dois de Seus discípulos procuraram-me, buscando formar um número ponderável de testemunhos em favor do Profeta, para, com isso, contrabalançar com os aliciados pelos padres, que reclamavam o martírio do Mestre, na cruz, como réu de feitiçaria e inimigo do Estado. Eu lhes respondi que não, alegando a agonia de minha mãe.

– E depois? – tornou o venerando velhote.

– Depois fui ver, de longe, o tremendo ato. Não suportei o guante de um remorso cruel. Parecia-me, ou era mesmo, em parte, minha a culpa daquele ato que pesaria tristemente, sobre a humanidade, como delito moral por resgatar. E não sei se era ou não, mas, de uns trezentos metros de distância, parece que o Profeta me reconheceria, fazendo-me sinal negativo com a cabeça ferida e meio tombada para a frente. Talvez seja a argüição de consciência, apenas, quem me tenha feito sentir isso. Mas, o que sei é que não suportei a vergonha de mim mesmo. Corri de diante Dele, pareceu-me, por dezenas de anos a fio. De fato, como a morte não existe, deixei o corpo e prossegui correndo, correndo, como que querendo fugir de mim mesmo, já não mais Dele.

Lágrimas invadiam-me os olhos, por essas alturas. Todos sentiam minha dor, pois todos choravam comigo. No fundo, porém, sentia-me feliz. Qualquer coisa me dizia que tinha sido um bem aquilo para mim. E o venerando velhote falou, com a sua voz bem timbrada e paternal:

– Repare como uma falta acompanha ao seu autor, embora divergindo nos modos de se apresentar. Naqueles dias, Alonso, resgatava faltas graves do passado, cometidas na Índia, por via dos preconceitos de casta. E falhou no sentido prático, na hora do testemunho comum. Depois, várias vezes retornou a carne, sempre auxiliado por bons conhecimentos que lhe eram ministrados, de

uma forma ou de outra. E tendo tido sabedoria, muitas vezes, nunca na prática correspondeu ao montante teórico, e, acima de tudo, à grande necessidade de retificação.

Fez uma pausa curta, e seguiu avante:

– Veja que nunca foi malvado proposital, sendo que seus erros sempre decorreram entre a negligência e a covardia, o comodismo e a fraqueza moral. Não fez o mal em seu sentido mais direto, mas não fez o bem no seu ângulo mais necessário e feliz, que é o intelecto-moral. Porque, Alonso, enquanto faltarem no espírito o saber e a execução, faltará o restante, que vale apenas como complemento. O homem rico de bens materiais, se os não souber ter, converter-se-á em miserável de tais bens; e o rico em saber, se não dispuser bem de tal riqueza, também sofrerá, como reação da lei, triste opressão de fundo espiritual, ou moral, onde o que é exterior não faz falta, mas onde o que é íntimo, míngua à falta de equilíbrio, vindo a se tornar o estado, em desesperador.

Suspirou profundamente, como que evocando tristes coisas de idos dias; depois acentuou:

– A pobreza intelecto-moral é muito mais dolorosa do que outra qualquer, eu bem o sinto... Por isso, eu mesmo pedi para que você revivesse essa vida. Saber é um bom patrimônio, para aquele que quer de fato recuperar-se.

E tive de perguntar-lhe:

– Então, senhor Rogério, foi o senhor quem me fez esse favor?

– Favor?!... – estranhou o bom do velhote – Pois se eu tenho mais dívidas para consigo do que você tem para comigo!...

Todos sorriram. Mas eu não dei crédito ao dito do bom do homem. Aquela gente toda era boa demais para deixar, quem quer, pensar em situação de inferioridade. Como tal, para fugir da situação criada, de fundo pessoal, enveredei a conversa para o setor técnico:

– Que aparelho formidável aquele, hein!...

– Qual? – perguntou-me Lourdes, sorrindo.

– Aquele da visão retrospectiva...

– Nada disso, Alonso; o aparelho, em parte, faz qualquer coisa. O tudo, porém, está no funcionário, que é um poderoso passista, além de contar com poderes de função, que lhe são outorgados, naturalmente – explicou ela, acompanhando a palavra com aqueles seus suaves e encantadores gestos.

– E como fiquei dormindo? – arrisquei a pergunta, embora disso já soubesse bem, pois um corpo, perispiritual ou não, sempre pode ser deixado, isto é, substituído por outro, mais tênue, mais sublimado.

– Isso – disse ela – é uma coisa comum. Apenas, para o melhor aproveitamento técnico, procurou aquele mentor, eliminar um fator negativo, que seria o concurso da parte mais grosseira do seu corpo. Disposto de um corpo mais tênue, ou da gama mais sublimada possível em si, dado o seu estado psíquico, conseguiu agir mais à vontade. Isso concorreu, também, para a sua melhor recordação.

– Tenho disso algumas noções. – foi minha resposta – E agradeço a todos o que por mim fizeram... Deus lhes pague.

– Aceitamos os seus agradecimentos – intercalou o senhor Rogério – para você ficar satisfeito. Para mim, para nós, posso afirmá-lo, a paga de Deus já vem contada na possibilidade de servir ao próximo.

Mas, um pensamento tumultuava-me o ser, na sua mais íntima afetividade. Quem seria, onde estaria, aquela velhinha extremosa, que fora então minha mãe?

– Eu sou ela!... – veio dizer-me Lourdes, abraçando-me e beijando-me na testa.

– E eu sou aquele mesmo cuspidor sem vergonha e cruel, lembra-se? – falou o venerando velhinho – Você quis bater-me e não pôde, com certeza porque o Profeta, prevendo, não o deixou livre prontamente, imediatamente. Aqui estou, diante de si, leproso de antanho, pedindo-lhe todos os perdões do mundo!...

Eu nem sabia o que pensar; mas me sentia tão devedor perante aquela gente toda, que, num momento, por falta de razão esclarecida para saber, senti, senti profundamente, o quão perfeita é a Justiça Divina, em seu tremendo mecanismo. O que me fazia pensar muito, sem dúvida, era o fato de estar aquele grande culpado, aquele homem tão cruel, em tais alturas hierárquicas. E antes que eu dissesse o que me ia pela mente, ele disse:

– Não fui, em verdade, um grande malvado; fui um fanático, um meio dementado, por assédio do espírito então chamado de imundo. O meu mórbido pensar aliava-se bem com o meu assediador, atraindo-o poderosamente. Moisés era tudo, para sempre e para todos os efeitos. O mais tinha de desaparecer! Esse era o meu pensar, essa a minha lógica, assim tinha de proceder e procedia.

– Tomem esta taça de sucos! – disse uma senhora, comensal da casa, que aguardava a volta do marido, para formar de novo o seu lar.

E enquanto ela servia, arrisquei em indagar:

– Que idade tem seu marido, na carne?

– Uns setenta e seis anos, creio eu... Dentro em pouco, se Deus quiser, estará entre nós...

Coisas estranhas subiram-me à razão, fazendo-me duvidar de tanta certeza. Mas a matrona não se fez esperar, dizendo bondosamente:

– É aureolado já no mundo, meu filho... E a luz do espírito nunca se trai...

– É algum espiritualista batalhador?

– Sim; é um pentecostista regularmente esclarecido, mas fortemente ungido de amor cristão pelo próximo em geral. Quando abraçou o pentecostismo, disse-me com inteligência:

– Nada sei das coisas profundas de Deus; nada consigo entender sobre as divergências religiosas; mas sei que Jesus Cristo mandou amar ao próximo, sem falar em credos ou religiões. A religião do Cristo era um misto de Amar e Saber. E como sei pouco, quero tratar de amar, o mais possível. Por fim, Dalva, a Justiça que medirá aos sábios, ela mesma medirá, também, a mim que sou ignorante.

– Sabe confiar... – falei-lhe, quase impensadamente.

– Mas trabalhando! – acrescentou ela, prontamente.

– Exatamente! – remendei, subitamente.

Dias de trabalho e divinas graças

Aquelas almas generosas tinham deixado na carne, descendentes vários, muitos dos quais, como já relatei, tiveram de buscar o Espiritismo, para resolver problemas a si relativos. E me sentia bem naquele meio, porquanto, tinha paz, tinha uma família, tinha ambiente favorável, tinha desejo de trabalho, e tinha trabalho à vontade.

O afloramento do Consolador no mundo trouxe serviço diferente para muita gente destas bandas. Esta família tinha por função única servir ao movimento, na parte relativa a si, no seio da vastidão fenomênica. Três dias trabalhavam para os trabalhos práticos; muito mais para a parte que é desconhecida dos encarnados e, o restante, como prêmio, dedicavam ao descanso e passeios, visitando amigos, assistindo conferências, tomando parte em festas religiosas, etc.

A parte que digo ser desconhecida dos encarnados é aquela que se estende por aqui, muitas vezes cansadiça, depois de qualquer pergunta feita por alguém encarnado, sobre saúde, sobre amigos daí partidos, etc.

Um dia, por exemplo, em que tocava a Lourdes dirigir o trabalho, de nossa parte, fui por ela instado para acompanhá-la a certo lugar, na terra, onde estava alguém que tinha sido lembrado e por quem haviam feito preces. Tendo atendido ao apelo delicioso, pois estas cenas trazem consigo grandes ensinamentos, baldamos para uma grande cidade.

Primeiramente, fomos à casa de onde partira o apelo. Esse apelo repetia-se todas as noites, a horas certas, e, Lourdes era focalizada pela emissão mental da velhinha que implorava pelo seu filho, recém-desencarnado. No grupo havia feito ela pedido; e mandaram-na orar pelo espírito do filho, a horas certas.

À noite, portanto, teríamos de retirá-la e fazê-la vir, também, em busca do filho, que havia sido assassinado em uma briga. Aliás, três pessoas haviam morrido nessa luta ou por causa dela, dentro em pouco. E os três seres, dadas as disposições anímicas, continuavam engalfinhados: dois jovens e uma mulher, que rolavam pelo chão, batiam-se, xingavam-se, sofriam-se mutuamente.

Para um tal serviço, é claro, não basta uma intervenção; preciso se faz o merecimento. Para isto, portanto, ou cumpre tê-lo, e é só usá-lo, ou, então, nada mais resta fazer do que tentar fazê-lo ter.

Uma vez retirada ao corpo, a velhinha sustentava-se bem, isto é, bem lúcida para poder auxiliar-nos. E Lourdes lhe disse, com sua afável e costumeira bondade:

– Que julga sobre seu filho, minha irmã?

– Que deve estar mal, sem dúvida, meu anjo de piedade.

– Não sou um anjo de piedade, minha irmã, nem mesmo um anjo; sou um ser igual e votado ao bem, apenas, ao que é obrigação e não favor.

– E por que é tão rodeada de luz? Por que é tão linda?

– Porque todos os que amam são belos. E não ama quem não quer, pois para o amor somos existentes, como filhos do AMOR o somos.

A velhinha ficou sem fala, não sei por que, tendo Lourdes prosseguido:

– Seu filho, senhora, está muito mal. Por ora não comporta merecimento que dê para um trabalho eficaz de nossa parte. Quero, pois, nos auxilie num serviço preliminar...

– Farei o que me pedirem!... Ainda que tenha de sofrer pelo rapaz, o quer que seja!... – interrompeu a velhinha, caindo em pranto.

– Não adianta, minha irmã, esse derramar de lágrimas; tudo no mundo é racional, seja o que for, coisas do espírito ou da razão, do intelecto ou do moral. O nosso plano de vida é o da razão, da inteligência, para o quer que seja. E isso porque, senhora, sempre por razão é que faremos pouco ou muito, bem ou mal, a menos que sejamos mentecaptos ou dementes.

Silenciou Lourdes, por um pouco, enquanto com suas delicadas mãos, suavemente, levantou o semblante conturbado da velhinha, que se havia curvado. E prosseguiu, firme no seu roteiro mental, embora dando à voz, inflexões amigas:

– Ninguém, senhora, poderia vencer no plano da consciência, sem a intervenção analítica da razão. Tudo é, portanto, uma questão de educação. E para educar, minha irmã, preciso se faz a intervenção de boa disciplina. Sem ordem, sem diretriz segura, não pode haver fim pródigo. E a senhora terá que fazer uma grande e nobre parte, assim foi de mais alto determinado. Sem isso, creia, nem teríamos vindo ao seu encontro, atendendo ao seu apelo.

– Considero a misericórdia do Pai para comigo... – balbuciou a velhinha, tentando prosseguir.

– Prefiro que considere a Justiça Divina, minha irmã. – atalhou Lourdes, com solicitude – Por Justiça, minha irmã, teremos misericórdia ou o quer queira pensar;

sem Justiça, porém, que poderíamos ter? Em nada creio que não seja em Justiça, sempre que sobre Deus tenha de pensar. Prefiro, pois, os que evitam praticar feios atos, àqueles que preferem pedir desculpas, depois de praticá-los.

E depois de encarar bem a velhinha, disse, com firmeza, embora compadecida:

– Porque nesse caso se encontra, minha boa amiga... A senhora e o seu filho são, de muito tempo, entre si grandes culpados. Deve, pois, armar-se de vigor, para que seu filho permaneça menos tempo em má situação, e para que, ao ter a senhora de deixar a carne, poder fazê-lo em condições mais agradáveis.

– Mas!... E se nada sei disso?... – replicou a velhinha, agitada.

– Nós o sabemos, minha amiga; e fomos enviados para abreviar tempo. A isso é que fizeram jus, seus pensamentos, suas esmolas aos pobres, suas preces... Queira, pois, seguir nossos conselhos, que muito mais do que espera poderá obter, e em muito menos tempo.

– Confio. Que devo fazer? – prontificou-se a velhinha, pondo-se a observar o belo e radiante rosto de Lourdes.

– Terá que falar a seu filho, por muitas noites, muitas noites, até torná-lo mais dócil, mais acessível, mais doutrinável.

– Difícil coisa!... – lastimou a mulher, pondo-se pensativa e triste.

– Aprendeu consigo a ser desobediente... Os ensinamentos que bebeu com o leite materno, foram os menos recomendáveis... Uma vida à solta e cheia de possíveis vícios, geraria, fatalmente, um fim doloroso... E lhe digo isto, minha amiga, por razões de serviço, para seu próprio bem. Quero se torne consciente do quanto terá que trabalhar, para vencer do melhor modo.

– Mas eu prometi confiar! – disse ela num repente, levantando-se em ânimo.

– Então – disse Lourdes – venha conosco.

E com aquela força característica que lhe era própria, arrastou-nos como se fora um tufão todo de vontade e amor. Fomos parar defronte a uma casa, onde os três tinham tombado, dois mortos e uma ferida, gravemente. Ali, pois, ainda continuavam rolando, impetuosamente, os três delinquentes. Socavam-se, apunhalavam-se, xingavam-se, etc.

– Acuda o meu filho! – gritou a velhinha, vendo seu filho ensangüentado e naquele turbilhão, onde uma onda de famigerados torcedores, em redor, fazia infernal alarde.

– Todos são filhos... – respondeu Lourdes, olhando significativamente para a velhinha.

– Mas está todo ferido, minha querida protetora!... – repetiu a mulher, em tom suplicante.

– E os outros o não estão? Como poderíamos fazer o bem, espargir o amor, se ao invés de ir contra todos, fossemos em favor de qualquer deles?

Ante a imperturbável serenidade de Lourdes, e frente a tal modo de interpretar o dever de atenção, a velhinha silenciou, sensivelmente amuada. Lourdes, no entanto, completou ainda o seu modo de refletir:

– Bilhões de bilhões, irmã, e todos nossos filhos, nossos pais, nossos mais íntimos parentes e amigos, enfronhados estão em piores condições, donde até mesmo a forma humana já perderam, por brutalização, forçando em si mesmos o revolvimento daquelas formas inferiores de onde todos provimos. É, pois, e deve ser de muita meditação e estudo, de muita cautela merecedora, uma situação como esta. Quem não puder medi-la, em sua profundidade legislativa, que se não proponha a intervir.

– Que faremos, então? – disse a velhinha, olhando para mim, julgando que, eventualmente, iria meter-me a gato mestre.

E ante meu silêncio, tendo ela volvido para Lourdes, implorou:

– Pelo amor de Deus! Por Deus! Faça alguma coisa por meu filho!...

Lourdes, serena, afirmou:

– Prometo, mas se se der ao trabalho de fazer pelos outros dois seres, precisamente aquilo que queira fazer pelo seu filho. E afirmo-lhe que, havendo de sua parte, pela razão que seja, má vontade para com eles, nada poderá, nem nós poderemos fazer nada. Cumpre-lhe, irmã, fazer-se grande em face de Deus, de Sua Justiça, para que possa fazer alguma coisa pelo seu filho. Quanto a nós, senhora e amiga, aqui estamos, ainda, a fim de pô-la ao par da realidade. Pois que esses dois outros seres também foram sangue do seu sangue, em vida que não vai longe... Naqueles dias, primos que eram, por razão passional, tal como agora, se dispuseram contra a Lei.

– Santo Deus! – exclamou a velhinha, atirando-se entre os três, que rolavam pelo chão, terrivelmente odientos.

Quis atirar-me para livrá-la daquela pancadaria terrível; Lourdes, todavia, mo impediu de fazê-lo, dizendo-me:

– Deixe-a, Alonso, que é do que ela precisa. Em outros tempos foi ela quem lançou a dissídia entre ambos os contendores, de onde surgiu mais tarde o crime.

Por muitas noites para aqui se plantará, porque assim está de cima determinado. Ao acordar, de muito terá lembrança, redobrando-se em preces e atos de solidariedade humana. Preces não custam esforço, e dinheiro tem de sobra para estender o bem a muitos precisados do mundo. Quando alcançar mérito, virão outros e separarão os contendores. Antes disso, saiba, nada é possível fazer.

Silenciou por um momento e sentenciou, enquanto me fazia alçar lentamente, em um delicioso voitar por entre dadas bñções:

– Nunca bastará um arrependimento, como tampouco uma intercessão qualquer, para que um estado psíco-hierárquico se modifique de pronto. Amigo Alonso, saiba que a Suprema Lei, para nós, como me parece que é para com tudo, é à base mesmo de Pura Justiça. Falar na misericórdia de Deus, sem lembrar que é apenas uma das nuances de Sua Justiça, é fazer ronçirismo, é transportar ramerrão vicioso na mente. Em Deus, tudo é equilíbrio; fora dele, não há possibilidade de paz e ventura imperecíveis. E equilíbrio não se consegue com favoritismos nem milagres!

– De minha parte – disse-lhe – concordo com isso. Todavia, viciado como está o homem, pelos teologismos tacanhos, que por séculos ensinaram um Deus odiento às vezes e favoritista outras vezes, dificilmente absorverá tal conceito sobre Deus.

Lourdes sorriu, moveu sua vasta e dourada cabeleira com a graça dos seus angélicos encantos e encerrou:

– Mas pagarão até o último ceitel, no curso das vidas, sabendo ou não, querendo ou não, gostando ou não, conscientes ou inconscientes de seus passados e de suas próprias dívidas. A quem perguntou Deus, que é tudo em Si, se estava bem ou mal traçado o programa da Lei? Quem foi ou é convocado a investigar o mérito da judicatura fundamental?

– Nada sabe o homem que lhe garanta pensar, sequer, em poder com lógica investir contra o fundamento das leis do universo, mesmo que esse homem seja um santo ou o mais requintado tarado. Como santo, o simples sentimento místico torná-lo-á inválido para tanto, porque, embora tudo seja razoável, e por isso mesmo, sublimado o sentido da razão, deixará de pretender discutir tal assunto, para dedicar-se a vivê-lo. E se for um tarado, ou até mesmo animalizado, de que valerá a sua opinião?

– Bem assim como a do santo, pois não? – completou Lourdes.

– Exatamente!... Exatamente, porquanto, o que podemos nós deste lado, conceber como sendo manifestação de Deus, tal infinito de virtudes, e sabendo que esse quantum por nós concebível é um nada, como poderia um espírito, fosse

quem fosse, sondar o Ser Infinito; a Síntese Total, uma vez que não é total e que o poder de conhecimento infuso não está em ninguém?

– Creio – considerou Lourdes – que só mesmo o poder do conhecimento infuso assim facilitaria; nada sei, porém, de conhecimento humano, que não tenha sido adquirido relativamente, experimentalmente, laboriosa e até mesmo dolorosamente. Logo, pelo menos por ora, não sei de quem seja infuso em Pureza e Sabedoria. De todos que saiba, a começar do Mestre Planetário, todos se fizeram como estamos a nos fazer, gradativamente.

– Foi o tempo em que a visão de um espírito mais purificado, relativamente mais sábio, fez gente pensar na própria Essência Divina, em si mesma exposta em sua integralidade. Para mim, hoje, que concebo a Deus como infinitamente inconcebível por mim, em que pese o respeito que voto a todo e qualquer valor, acho insignificante o mérito de qualquer parte com relação ao TODO. Já vi grandes manifestações, já fiz confrontos sérios, e, por isso mesmo, peço se disser o contrário. Deus é, para mim, o TUDO, sendo que os mais, sejam quais forem, são apenas parte.

– Por isso mesmo – acrescentou Lourdes – nada como conceber o sentido moral da vida, como sendo aquilo que é mais importante do que a própria vida. Assim pensando e sentindo, Alonso, faremos do reflexo de Deus nas coisas e nos seres, o espírito de religião. Sim, de religião pura, porque então estaremos seguindo a trilha mais racional, que é amar a Deus com toda a força do coração e com todo o poder da inteligência!

– Mas... Lourdes, isso não foi ensinado por Jesus?...

– E quando deixou Jesus de ser racional, superiormente, sublimadamente racional? Apenas – prosseguiu – existem alguns Jesus por esse mundo em fora. Não que Ele seja tantos assim, ou que se faça assim tão confuso; digo de quantos Jesus tenham fabricado os homens, cada qual a gosto de suas crenças, segundo a sanha dos seus bolsos e dos seus estômagos, sem contar o poder farsante de suas inteligências. Portanto, veja bem que o Cristo, símbolo de toda a VERDADE, é invocado por todos, do mais santo ao mais devasso. Homens de todos os matizes, para todos os fins, podem ser duplicitários, ao se tratar de espiritualidade.

Houve silêncio, de nossa parte, ao ver passar uma falange numerosa de elevados seres, em demanda à Terra. Dentre eles, alguns eram conhecidos. E fomos chamados, convidados a acompanhá-los.

– Para onde vão? – indagou Lourdes – Estão todos tão alegres... Oh! Sinto prazer em segui-los... É a libertação de Edgard!...

Lourdes penetrava, ou recebia facilmente a emissão das ondas mentais, por isso que se punha, muitas vezes, a par de tudo, sem ninguém lhe dizer. De mim, ao ouvir falar em Edgard, pensei naquele protestante, marido daquela mulher que convivia com a família Rogério, aquela Dalva de que já fiz menção.

– Isso mesmo!... – respondeu afirmativamente, estuante de alegria, o mentor.

– E Dalva? – perguntou Lourdes, não a vendo em suas companhia.

– Terá uma bela surpresa... – acrescentou o amigo.

A morte é o testemunho da vida

A vida em sua síntese é VIDA TOTAL, é o que de mais profundo existe para ser analisado pelo intelecto humano. Concordo e perfilho a tese que afirma ser a VIDA ABSOLUTA, Deus em si, sendo tudo o mais, em expressão qualquer, modo de ser e de se apresentar daquela mesma ESSÊNCIA FUNDAMENTAL.

No plano relativista alcança, então, variações tais, que, fora aberrante pretender discerni-la, conhecer-lhe as infindas minúcias. Por isso mesmo, podemos encantar-nos na apreciação dos pormenores, bem como educar-nos à custa de contatos sem conta. Tudo e todos apresentam valores iguais do ponto de vista fundamental, iguais do ponto de vista das finalidades, mas, diferentíssimos, até mesmo aparentemente contrários, nas formas estáticas de ser e estar.

Dizem que é a filosofia, quem, por ser cogitadora, deve fazer do homem um investigador das causas, dos estados de ser e estar, e das finalidades a que tudo se vota. Acho que esse é um atributo da própria VIDA TOTAL, ou Deus, que se expressa segundo modo e condição próprios, no homem, como ser pensante, ou através de uma disciplina, de uma escola, de uma ciência, por representar um conjunto de fatores, muitos talvez ainda desconhecidos, mas todos como manifestações de UM PODER PRIMEIRO, razão determinante de tudo.

Assim, amigos e senhores, aprendi a encarar a vida, o relativismo vital, desde que para aqui me plantei, ou, desde que passei a ter desta vida conhecimento. E duvido que deixe tal modo de pensar, tão facilmente. Há um sentido de unidade que nos invade, depois de certo tempo ou condição evolutiva, que pela razão que seja, nos força a sentir, mais do que a pensar em primeiro lugar, desse modo. E a vida assim é um encanto, ou coisa muito melhor, pois há nela qualquer coisa de tão espiritualmente sublimado, divinizante, que, é pena, mas não há jeito para descrever. Sentimos Deus em tudo, um Deus vivo, estuamente manifesto na existência e na razão total de tudo, de sorte que a comunidade se nos torna sempre maior e de fato, desde que nos possamos, pelo sentido da ubiqüidade, expandir, penetrar mais, invadir o íntimo e a capacidade de ser, de tudo o que nos cerque. E, então, amigos, haja capacidade de raciocínio, poder de absorção mental, para o devido enriquecimento em geral.

E devido a isso, essa tão febril manifestação de matizes qualitativos e quantitativos, cumpre atentar bem para o que nos seja pessoalmente devido e possível fazer, para que a dispersão dos poderes de absorção, não venha a nos prejudicar. Muita gente pensa, enquanto está na Terra, que o céu é uma questão

de infusibilidade total, amalgamando os seres e as questões. É precisamente o contrário o que se dá; as questões se multiplicam, os sentidos se expandem, os processos se desdobram e os meios se reproduzem vertiginosamente, enchendo a vida de perguntas e o espírito de anseios enlevantes. Aqui, pois, muito mais do que na vida da carne e suas vicissitudes, cumpre traçar diretriz e dedicadamente vivê-la.

Mas, deixemos isso e vamos ao caso do protestante por desencarnar. Como estava relatando, fomos para o recinto do candidato à libertação. Éramos uns trinta e tantos, entre amigos e acompanhantes. Eu nunca tinha visitado o futuro morto; apenas, dele ouvira falar a família e a sua esposa.

Ao chegar ao recinto, vimos muita gente em torno a um leito. Muitos jovens, que deviam ser sobrinhos e netos, rodeavam o leito do moribundo. E embora o ambiente fosse de tristeza, psiquicamente estava tudo bem. Nenhum espírito inferior em condições ali se achava. Quem de cá era, tinha mais para dar do que para pedir. Um sentido de crença a todos invadia, sendo que uma senhora, que se parecia muito com o moribundo, pondo-lhe a mão sobre a testa, vazava-lhe fluidos atentadores. O velhote o que tinha era tudo em deficiência. Esgotamento por vencimento cíclico. Parecia que o quantum de fluido cósmico vital, uma vez não oferecendo mais intensidade atrativa, dispunha-se a expelir o agente mais vibrante, o ser espiritual, cujo poder de continuidade não tem limites. Por isso mesmo, só tinha que procurar outros rumos. Edgard procurava, sem saber, deixar o corpo. Do mesmo modo se passa nas comunicações espíritas, depois do esgotamento fluídico do médium; ao invés de atrair, transposto o ciclo, passa a expelir.

O Edgard espiritual sentia-se mal no corpo, e, de quando em quando, quase que se libertava. Não havia chegado o momento, e, por isso, o corte não havia sido levado a efeito por quem de obrigação. Ele, então, volvia. E o estado em geral era de perturbação pessoal. Todavia, espiritualmente falando, Edgard estava em boas condições. Havia luminosidade em seu redor, sendo que sua mente expedia emissões invocativas ao Cristo. Nestes momentos, chegava a refulgir em luz azulina, suave e deliciosamente consoladora.

Quando pela meia noite Edgard quis dormir, todos se foram retirando, só ficando um senhor, que revezou com aquela mulher já citada. Depois de minutos, quando principiava o espírito a sair, branda e levemente, um dos nossos se lhe apresentou, dizendo-lhe amavelmente:

– Edgard, vamos dar um giro por belos lugares?

– Sinto tanto desejo de paz... Preciso de paz... – rogou Edgard, franzindo-se todo, mais por vício mental do que mesmo por carecê-la.

E o mentor deu-lhe o braço. Edgard foi saindo, passando por entre gente amiga e iluminada, sem dar conta disso, pois seu princípio mental não informava coisa sobre a presente desencarnação. E depois de um gesto daquele que o conduzia, todos partimos, ficando no local alguns trabalhadores. Os encarnados teriam de enterrar mais um corpo. Ali não haveria retorno anímico, volta ao corpo, nem que todas as adrenalinas fossem aplicadas. O fio havia sido cortado e os méritos não depunham senão pela liberação.

A falange estacou num plano de vida onde o amigo recém-desencarnado pudesse ficar à vontade, sem constrangimento, por equilíbrio vibratório. Mais tarde, naturalmente, deixaria tal região em demanda à que lhe coubesse por direito. E no momento de deixá-lo, disse-lhe o mentor:

– Edgard, você está num lugar daquilo a que chamam céu, lá na Terra. Pense nisso com fé e amor para que, depois de um regular sono, desperte e com disposição para um grande dia de reencontros amigáveis e dóceis.

– Eu morri?!... – falou ele, muito admirado, endireitando-se muito.

– Morreu... – respondeu o mentor, encolhendo os ombros e sorrindo, como quem diz que não faz diferença.

O amigo fez um gesto singular. Agachando-se, apalpou o chão, talvez para sentir a intensidade do contato. Depois apalpou o nobre mentor. Depois, passou a ver e a analisar tudo, notando em cada rosto uma amizade sincera e acolhedora. E falou, reverentemente:

– Nas mãos de Deus tudo se acha. Agradeço-O do mais íntimo de mim, estendendo meus agradecimentos a todos os presentes, tão bons foram em me recolher.

– Nós não o recolhemos para aqui... Foram suas obras durante a vida...

– Minha fé em Deus e no Divino Mestre, amigos, é que me valeu – entrecortou Edgard, enquanto passava as mãos pelo corpo, coberto por um roupão, tudo, porém, duplicata de corpos mais sólidos deixados bem longe.

– Só a fé – disse o mentor – pouco ou nada faria. Muita gente responde, nos planos de treva, também pela fé que teve e não soube por a produzir. A própria fé é um compromisso, sendo bem superficial julgá-la um valor indiscutível, total.

– Então, quem salva mais? Não é a fé? – replicou o recém morto.

– Quem se converte em paz é o AMOR, e quem faz a autoridade é o SABER; de resto, amigo, noventa e nove por cento dos que estão em tredos sítios, todos possuem suas formas de fé. Poderão discutir as vantagens de umas sobre outras; mas, em verdade, só o que é essencial é quem liberta: é o AMOR; quem se

brutalizar, bruto se terá; quem se sublimar, sublime se terá; quem se animalizar, animalizado sentir-se-á. Pela educação do eu, assim o eu ter-se-á. Felizes, pois, daqueles que tudo de si dão, para engrandecerem-se espiritualmente, concorrendo com isso para a divinização dos circunstantes – explicou o mentor.

– E que devo fazer agora? Como agradecer, então? Se o que sou devo a mim mesmo, sobre tudo religiosamente, como ou por que meio agradecer?

Os circunstantes avizinharam-se mais, pois era notória a vontade de saber do bom velhote, sendo mais interessante, para mim, a questão em si, isto é, o mérito da asserção. E o mentor disse, respondendo:

– Tudo o que sei e faço, em matéria de fé, para com Deus, é de modo fundamental. Sou o que sou, por Deus; e a Ele agradeço, sentindo isso. Vivo esse estado. E com relação aos poderes inerentes, às virtudes intrínsecas, e a tudo quanto se julgue natureza, condição, modos e meios, sabendo e sentindo que Dele deriva, de modo bom procuro ocupar tudo, para que a ação de graças seja viva e contínua. Outro modo de adoração, meu amigo, para mim seria idolatrismo, pieguismo nauseante e coisa que, nem Deus nem qualquer de Seus Delegados, poderiam recomendar. O sentido material e mentalmente idólatra ou supersticioso da fé deve acabar. Longe vão aqueles dias de adoração estúpida, quando tudo tinha caráter de artificialismo, de resgate por suborno, de aplacação de iras, de conquista de direitos por taxa paga para com um clero qualquer. O Cristo veio a nós para ensinar o sentido inalienável do AMOR, como força propulsora para a paz, e o poder natural do SABER, como determinante da condição de autoridade. De qualquer modo, porém, o cumprimento do DEVER, como sendo a melhor religião por praticar.

O homem aceitou, em parte, mas ainda disse:

– Eu pensava que os hinos cantados e as pregações feitas ou ouvidas, valessem muito como atos de fé.

– E quem disse que não? – observou o mentor – Tudo é relativo, tudo faz a sua parte, todos os fatores são nobres e concorrem para o bem geral. No entanto, amigo, mais quer Deus que tratem bem ao próximo, do que cantemos mil hinos ou preguemos bem o Evangelho, teoricamente. Os atos ditos religiosos, muitas vezes, não o são, por falta de correspondência prática; e os tidos como atos materiais, banais, comezinhos, na vida diuturna de relações, esses vêm a pesar na balança da estabilidade espiritual, de maneira sólida e decisiva.

– Muito bem... – acrescentou o velhote – Isso tudo é bem racional e realístico. Todo caso, dei muito valor aos atos de fé...

– E estes se transformaram em valores estimulativos. Povoaram sua mente com belas imagens do céu, do amor de Deus, dos perigos infernais, etc. O que

carece ser feito é acabar com o tanto de ranço que medra nos religiosismos do mundo à custa do que vivem elementos perniciosos, agentes da corrupção e do atraso, inimigos da evolução, tais como os clericalistas de qualquer jaez. Enquanto no mundo existir quem viva da religião, quem preze um título institucional nobiliárquico, quem queira por tais subterfúgios aparentar superioridade, reclamar direitos que são negados aos homens mais dignos, enquanto isso perdurar no mundo, haverá uma falange marchando depressa, continuamente, para os abismos de dor e para as reencarnações dolorosas.

– Edgard! Edgard! – disse alguém, bem alto, à porta do estabelecimento onde ficaria o velhote, por uns dias, até recuperar-se em certo sentido.

O mentor responsável entregou-o, prometendo voltar dentro de três dias. Todos nos despedimos do bom velho, que transpirava sentimento evangélico por todos os poros.

Três dias depois

Três dias depois, quase todos fomos de novo ao local, para transportar Edgard ao plano onde estava sua Dalva, ela que disso conhecimento não tinha, ainda. E o velhote parecia outro, tão vivaz estava, tão refeito. Transbordava de alegria. E ao nos ver, tão ligeiro quanto possível lhe fora, veio vindo ao nosso encontro, os braços abertos, derramando lágrimas, como se fosse uma criança.

O mentor de cima designado, abraçou-o primeiramente, tendo cada um de nós, em seguida, merecido dele uma palavra de fraternal carinho. Agradecimentos nunca os aceitamos, não podemos fazê-lo, é difícil atender a um qualquer, por razões que nem sei explicar, mas que sei sentir, parece que jamais se tem direito que justifique isso. Sentimo-nos devedores sempre e credores nunca. Talvez seja um modo de se infiltrar por nós, um grãozinho do Supremo Amor, infundindo-nos o desejo de ser útil, sem dúvida, o mais sublime de quantos possam haver.

Depois de prestar os devidos esclarecimentos ao dirigente do estabelecimento, convidou-nos o mentor a partir. E rumo a melhores penates fomos todos. O velhote teve tempo para sentir o transpor de linhas divisórias eletromagnéticas, e acima de tudo morais, porque foi isso feito propositalmente. As diferentes gamas vibratórias que circundam os mundos, o são por força da lei superior, é natural, e filtram-se, de cima para baixo, por assim dizer, por enfraquecimento, em face das radiações grosseiras dos mundos sólidos, e, de baixo para cima, em aumento, pelo enfraquecimento das mesmas radiações grosseiras do planeta. Assim, quem divide as ordens de céus, por assim dizer, é a emissão das radiações planetárias, onde os princípios materiais e mentais, conjuntamente, corroboram para uma espécie de unidade. Longe dos planetas, ainda assim, as zonas refletem os graus dos mesmos, sendo naturalmente determinadoras de padrões hierárquicos. Assim, portanto, afastar-se de um planeta será sempre procurar zonas melhores, não significando isso que por ser zona interestelar, estabeleça padrão universal. Quando venham a cessar as ordens planetárias, imperarão as dos sistemas, determinando ordens hierárquicas variantes. Embora isto seja muito natural, muito transcendente poderá ser para muitos. O cidadão terrícola ainda pode ficar muito bem, mesmo sem saber isso, pois, a Terra possui céus de indizíveis belezas, muito acima do que possa ser explicado, e, muitíssimo acima de meus merecimentos.

Também, muito certo é que, raramente alguém procura com afinco escalar tais cumes. Para tanto faz-se necessário um grande contingente consciencial, elaborado à base de pura espiritualidade, sendo certo que estes informes são recentes, como haver essa consciência da realidade, ela que, por força dialética, ou dos contrários, teria que ser o poder de embalagem? De qualquer forma, para

fim seja qual for, um cérebro intelectualizado é um princípio relativamente sólido, um ponto de partida ideal. Isto é o que se procura fazer, depois dos ensinamentos codificados, ministrados no tempo oportuno. Agora, amigos, a fase é de avançamento neste sentido. E quem contra esta fase se levantar, em seus poderes informativos, nada benéfico para si estará construindo.

A rotina nunca será superior à inovação, sempre que se processe no âmbito do espírito profético, que é ou vale pela trilha evolucionista normal. O menos feliz de todos, mesmo no quadro da fé, é aquele que, para atender à rotina oficializada, procure impedir os avanços renovadores. O Evangelho do Cristo é ainda muito obscuro em interpretação humana; e a codificação é síntese, também, que precisa de avançar em profundas análises.

Um espiritista, portanto, não pode sê-lo só de sessõezinhas práticas, de passes e água fluídicas; cumpre-lhe, o quanto possa, avançar para conhecimentos mais vastos. Deve, acima de tudo, construir em si, gerar mesmo, uma consciência elevada sobre o sentido unitário da VIDA, isto é, de que Deus é de fato interior em tudo e todos, regendo por leis fundamentais sempre, e nunca por milagrosismos ou misteriosidades. Deve perder esse hábito de pensar em um Deus exterior, criando em si um culto idólatra, antropomórfico e moralmente falhíssimo. Deve compenetrar-se de que em si, por natureza, por determinação divina, estão todos os poderes e todas as leis, cumprindo-lhe desdobrá-las, expô-las, por ser essa a soma de todo e qualquer raciocínio são em matéria de céu por despertar.

Deve compreender o espírito, que por estar cada um de seus irmãos em um grau tal ou qual de envolvimento, cumpre-lhe atender para as necessidades mais prementes, que o são à base de educação sadia e construtiva. E que a maneira de ser ele auxiliado por Deus, é na pessoa de outrem, assim como acontece para conosco. Saber, sentir e viver, portanto, segundo a Vontade de Deus, que é em troca perfeita de fraternismo prático, construtivo, excelentemente humanitário. Porque, queiramos ou não, sem humanitarismo não haverá divinizismo à vista! Ninguém espere, portanto, um céu que venha à revelia do bem que devemos ao próximo. Isso seria uma aberração, e, em a Obra Divina, não há disso.

O clericalismo que uma pessoa viva no mundo, por isso mesmo, nada lhe poderia garantir de bem, de salvacionista. Tudo repousa sobre as obras, e estas, como é sabido, sobre a solidez do AMOR por elas vazado. A fé só é cooperadora quando o seu contributo for vivido, trabalhoso, sangrento mesmo. Fé à maneira dos grandes vultos que se sacrificaram pelos semelhantes! O mais é fogo fátuo, é presunção.

Reencontro no céu

Quando chegamos ao lugar onde estava Dalva, que é onde presentemente habito, com a família Rogério, procuraram os amigos reunirem-se a outros muitos, para então, numa festinha íntima, fazer a surpresa à esposa. No salão de conferências de uma instituição científica é que todos se reuniram. Assim, recebia-se um cidadão do local em viagem de retorno, e preparava-se um reencontro feliz.

Interessante é que, Dalva, tendo eu com ela conversado, manifestava grande desejo de rever os seus, principalmente o marido. Dizia ela que, qualquer coisa se devia estar passando, de anormal, pois recebia por choques mentais, de quando em quando, chamados ou coisa condizente. Não sabia explicar a razão, também, porque, pela primeira vez, os chefes achavam conveniente adiar por dias a visita aos seus.

Quando, portanto, chegou o dia, outra vez três dias depois, houve uma grande reunião no dito salão. Dalva, como de costume, apreciava tais reuniões. E é fácil de imaginarem a emoção que causa um tal reencontro. Nada lhe parecia, no momento, mais importante que isso. E ainda, sob forte emoção, pediu para endereçar ao Sagrado Eu, íntimo a tudo e todos, um pensamento de agradecimento. E, tendo oportunidade de falar, começou por dizer.

“Senhor, Deus! Bem sei que não existem mistérios em Teus domínios infinitos. Sei, Sagrado Fundamento, que És a soberana VERDADE, e que por leis, reges o universo, de dentro para fora. Tudo sabes, meu Pai, antes de mais ninguém. Por isso, Senhor de mim e de tudo, agradeço-Te do profundo de minha capacidade, de sentir. E seja feita, Senhor, sempre e para sempre, a Tua Vontade.

A Jesus, o nosso Cristo Planetário, envio meus penhores de gratidão e obediência. Na pauta bendita do Evangelho por Ti transmitido, Senhor, atingimos o objetivo almejado, que significa consciência do estado e paz de espírito. Síntese de todas as verdades, por Poder Delegado, é em Tua Sabedoria que confiamos, bem assim como no Teu Infinito Amor. Conscientes da Suprema Justiça, Senhor, rogamos nos inspirem Teus sublimados mensageiros, pensamentos dignos, práticas sãs, sentimentos divinizantes.

E aos amigos em geral, presentes ou ausentes, superiores em hierarquia ou afins, reafirmo meus protestos de gratidão. Desejo que aqueles que estejam altamente colocados, lhes retribuam por vezes multiplicada a imensa satisfação com que me brindastes hoje. Deus vos abençoe!”

Uma salva de palmas eclodiu; finda esta, alguém pediu a Edgard que falasse alguma coisa. O velhote, abalado por tão contínuas emoções, mal pôde dizer:

“As coisas, senhores, são muito diferentes do que eu imaginava. Os velhos ensinamentos são mui empíricos demais... Eu não pensava que fosse deste jeito a vida deste lado... Tão natural, tão cheia de amor, tão nobres amigos a envolver-nos com suas dedicações... Quanta coisa há para que os homens da Terra venham a conhecer!... E não sei quanta gente gostaria de saber destas belezas... Acho que matariam o Cristo de novo, se Ele fosse dizer isso no meio da rua, como daquela vez...”

Outra vez, muitas palmas cobriam suas últimas palavras. E o bom velhote mantinha-se muito alegre, mas pensativo. Qualquer coisa lhe ia de diferente, na alma devota à VERDADE.

Pouco tempo depois, a reunião terminava. Os esposos foram de braços, em sinal de testemunho fiel, sobre ser a morte o prolongamento da vida. Também, para testemunhar que, se nos planos superiores da vida, as coisas forem muito diferentes, isso não acontece nos planos ainda inferiores, onde em tudo há muito de terrenal, embora de maneira relativamente extratefeita. E que, também, ninguém irá de um salto para aquelas regiões, onde o amor ganha sentidos indizíveis e inconcebíveis por nós.

Contraste

Que é a VERDADE? Quantos Pilatos precisariam ainda perguntar isso? Quantas vezes, ainda, conviria a um Cristo responder com a voz tonitroante de um profundo silêncio?

Quase um mês depois de sua desencarnação, Edgard foi rever os seus descendentes. Fomos com ele e mais alguns amigos, dentre eles Rogério e Lourdes. Dalva jamais seria uma mãe ou avó capaz de furtar-se a uma tão grata visita.

No recinto familiar, porém, todo ele educado nos moldes protestantes, ninguém admitiria que os seus mortos ali pudessem estar. Estariam no céu ou no inferno, para uns, ou aguardando o ressurgimento no Juízo Final, para outros. E a visita foi rápida, por vários recintos. Entre outras coisas, ficou combinado que à noite, havendo possibilidade, haveria um encontro entre encarnados e desencarnados.

De fato, isso se deu. Mas a tradição doutrinária traía o teor verdadeiro da questão. Como na crucificação do Divino Mestre, a tradição pôde mais. Alguns contaram sonho interessante, onde o papai e a mamãe, o vovô e a vovó estavam juntos e com mais pessoas. Outros, de nada recordavam. Ouviam e pensavam, em Freud.

Uma consolação, porém, restava: se em técnica havia falha, moralmente as coisas iam muito bem. Todos perfilhavam o Evangelho, nas obras mais do que nas palavras, apesar de que eram sectários. Os corações se apresentavam ornados belamente, e os cérebros viviam bonitas esperanças. Os exemplos paternos haviam sido bons, e davam frutos dignos de menção.

Todo caso, o bom velhote não se apartava de um problema muito sério. Alegre, feliz, mas sempre pensativo. Um dia, tendo-lhe falado nisto, disse-me:

– Sem ser Dalva, ninguém me falou sobre deveres por exercitar. Gozo um tempo ainda, que me foi conferido, de vilegiatura. Porém, penso no dia em que deva reiniciar um trabalho qualquer...

Caiu em profunda meditação, moveu a cabeça afirmativamente, custou para falar, e por fim, considerou:

– Como acho bonito o serviço de esclarecimento das mentes!... Se o Pai me determinasse agir nesse sentido!...

Como me lembrasse de que muita gente, no mundo das formas, também pensa assim, mas age dentro do mais repelente sectarismo, do mais pujante

exclusivismo, da mais nauseante facciosidade, pouco se importando com as melhores expressões da VERDADE, disse-lhe, talvez de modo um tanto ferino:

– Depois que a gente vem para estas bandas, onde a cor sectária do mundo só apreensões custa, na maioria das vezes, os pruridos são todos no sentido de querer educar bem aos outros, senhor Edgard. Não repare na minha observação, mas, se lhe for do agrado, fará isso pensando nos erros que eu mesmo pratiquei por lá, e que aqui me custam também sérias apreensões.

– Curvo-me, amigo, ao imperativo da sua lógica. É irretorquível. Mas dou-me por feliz de, tão cedo, ter merecido do Pai o acolhimento de que me não sinto merecedor. Sou consciente de minha falta. E procurarei reparar, formando na falange dos novos apóstolos, que pregam e professam, ante o mundo inçado de rotinismos, o culto do Consolador, à base do intercâmbio entre este e aquele plano. Se puder merecer, amigo Alonso, quero trabalhar no contato com os irmãos ainda encarnados. Quero fazer que saibam aquilo que acontece para alguém do túmulo, onde a vida se plasma de modo muito diferente do que ensinam velhos documentos sagrados.

Silenciou mais um pouco e prosseguiu, fazendo elucubrações:

– Não disponho da autoridade que decorre do saber, mas conto com a paz que comporto, por ter a paz cultivado... E tudo dependerá de Deus...

Achei bom intervir, e falei-lhe:

– Deus serve a uns pelos outros. A prova disso é o poder de autoridade dos chefes e condutores, a contar dos Cristos Planetários. Cada um, na proporção direta ao merecimento, e ao conseqüente investimento, é mandado e manda com poder, seja no plano que for. Por isso, amigo Edgard, procure um dos nossos mentores e exponha-lhe as aspirações tão nobres.

– Bravo! Obrigado! – exclamou o bom velho, sorrindo agradecido.

Uma mulher e um aviso

É comum, na terra, sentir-se alguém inspirado ou auxiliado por agente invisível. Aqui dá-se o mesmo, nesta vida não se foge à regra. Muitas vezes se fala ou se ouve falar, bem, tão bem que se mitiga a idéia de superiores influências. E muitas vezes, em momentos supremos, quando os passos podem ser orientados para variantes caminhos, surge sempre, ou quase sempre, um alguém que inspira, tal como na Terra, fazendo e deixando livre o influenciado.

Depois daquela conversa, quando disse ao amigo Edgard que buscasse um dos superiores e expusesse os anseios, retirou-se ele para a sua nova residência, tendo eu me encaminhado para um dos parques da cidade, onde procurava, no silêncio e ao contato com as fontes, os pássaros e as flores, deleitar o espírito a um de meus modos.

Estava, pois, ante murmurante regato, apreciando umas aves interessantes, como patos selvagens, muito enfeitados de plumas belíssimas, assim como o não são os da Terra, quando, uma mulher de branquíssimos cabelos, mas que parecia ocultar em si apreciáveis valores, saudou-me:

– Irmão Alonso, boa tarde.

Respondi a saudação, tendo ficado a admirar-lhe o porte austero, a nobreza dos traços, a doce inflexão da voz, a atraente inteligência do seu olhar, enquanto ela foi dizendo:

– Sou pessoa da família de Edgard, se assim é ainda lícito dizer, uma vez que a obrigação é estender os mais nobres sentimentos a todos os filhos do Supremo. Como, porém, nosso plano de vida é tão relativista ainda, e as atrações são do mesmo modo exercitadas, vim em busca do meu prezado amigo para, como amigo que é dele, instruí-lo, ou influenciá-lo, no sentido de que visite uma sobrinha de nome Altair, que tem o nome de uma sua avó...

– Isso será, irmã, muito agradável para ele... Uma avó é pessoa sempre muito amada através da lembrança, e, uma sobrinha encarnada, pelo que sinto, com dotes mediúnicos quase expostos... Oh!... Pressinto, minha irmã, gratas surpresas...

– Bem, bem, amigo – disse ela sem surpreender-se – é isso mesmo. Aprecio o seu raciocínio, o seu poder de sintonização vibratória e a sua vontade de servir. E saberá, também, que sou a avó, pois não?...

– Eu adoro as avós... Minha irmã Altair, terei tanto prazer em ser-lhe útil, assim como se fosse a minha própria avó. Que lembranças trago comigo, de uma velhinha adorável, que me trazia doces, frutas, carinhos e jamais palmadas!...

– Todos nós – disse ela em tom de agradecimento – somos avós, avôs, pais, mães, irmãos, etc.; porque as contingências evolutivas nos conduzem a todas as situações, fazem-nos atender a todos os requisitos condicionais, para, com isso, projetar-nos à incondicional valorização espiritual. Por isso mesmo, amigo Alonso, tanto quanto se sente atraído por alguém, por esta ou por aquela razão, esteja certo de que, outros, que nem sabe onde estejam e quem sejam, por si aguardam e de si profundas saudades sentem. É a vida, amigo, quem nos força a estender os santos laços de fraternismo universal, começando pelo circuito estreito do ambiente familiar. Quando, porém, formos crescidos em verdadeira espiritualidade então saberemos sentir em qualquer ser, e por ele, todos os amores. E sentindo esse amor pelas células, o todo estará amado, e, a religião será o AMOR implantado, de dentro para fora, e não por convenção, como ainda o é.

Ela, ao falar, emitia umas radiações dulcíssimas, que me invadiam o ser, fazendo-me como transportar para ambientes felizes, caseiros e próprios. Tive vontade de perguntar qualquer coisa a respeito, mas ela mesma avançou:

– Não vale a pena fazer tal pergunta... Tudo virá a tempo... Nada como trabalhar esperando e ficar ao dispor do que for do agrado de Deus. Quem faz a trama somos nós mesmos, sem dúvida, mas, um Supremo Poder tudo fiscaliza e recompensa. Procure cumprir com o seu dever, para que seus direitos conservem-se garantidos.

Fez uma inclinação com a cabeça, disse adeus e sumiu-se de diante de mim. Sabia eu que tinha adquirido mais uma feliz incumbência. E tão depressa o quanto pude procurei Edgard, para relatar-lhe o ocorrido. E como tivesse ela falado, em influenciá-lo, subentendi que não queria fizesse o relato integral. Portanto, inventei uma descida, por assim dizer, à terra dos encarnados, em companhia de outros amigos; e que, nos meandros, apareceu oportunidade de visita a alguém que tocou naqueles nomes que lhe seriam familiares.

Quando Edgard ouviu falar em sua avó, tornou-se sentimental e projetou o seu pensamento para muito longe, para imagens distantes da vida, mas muito próximas do coração. E fiz-lhe, então, compreender a premência de uma visita à sobrinha; o que, tendo ele dado resposta afirmativa, combinamos fazer à noite, assim que nos fosse possível, isto é, uma vez livres das obrigações.

Uma moça e um passeio

Depois da meia noite, rumamos para a residência da jovem indicada, Altair, a sobrinha de Edgard. No recinto, aguardando-nos, estava Altair, a avó de Edgard. E este, como era de esperar, teve mais um daqueles felizes e emocionantes fenômenos que enfeitam a vida de um recém-desencarnado. Foi uma cena sublime!

Dentro em pouco, voltava o espírito da jovem, que ali não estava junto ao corpo. E tendo-nos encontrado a conversar, bem ao lado do leito onde seu corpo jazia em descanso, depois das apresentações, também entrou na conversa. Logo mais, como era de ver, fomos juntos fazer uma ronda pelas casas amigas. E era muito interessante de se notar o quanto de livre e penetrante, de lúcida, era a jovem Altair fora da carne. Nem parecia alguém agrilhado a um corpo inerte, por poderosos laços morais e eletromagnéticos.

A jovem pensava, agia, falava, raciocinava, locomovia-se, tomava iniciativas, tudo com muita espontaneidade, tal como se fosse uma entidade desencarnada e em ótimas condições psíquicas.

E enquanto imaginava eu nisso, disse-me Altair, a avó:

– É uma questão de faculdade; enquanto viver e for fiel ao mandato que a fez tomar um corpo, terá liberdades e facilidades para tanto. E nós poderemos contar com essa vigorosidade mediúnica, e com essa força de vontade, para forçar meios incrédulos quanto às verdades espíritas ou proféticas.

Edgard, que parecia basbaque ante tantas graças de Deus expostas, assuntou em um momento:

– Como gostaria de fazer qualquer coisa pelos meus!... Como seria bom tê-los ao par de muitos outros conhecimentos!... Dizer-lhes, fazer-lhes saber que as verdades do Cristianismo, ensinadas e vividas por Jesus, não são apenas teorias enfunadas de valor místico-celestial, mas sim vivas, práticas, tangentes, e que se prolongam para estas bandas da vida, com o mesmo vigor, com as mesmas expectativas, com os mesmos encantos, com as mesmas amizades.

Silenciou por um momento, encarou de frente o rosto expressivamente nobre da avó, para dizer em tom severo:

– Tudo fará Deus, sinto-o, para um encaminhamento feliz... Quem poderia lutar contra o Deus de Amor e Verdade?... Deixemos de vez ao Deus dos exércitos e das carnes assadas!... Dos trucidamentos israelíticos!... Do Deus que era só por Israel, por mais ninguém!... Deixemos de parte, para sempre e do melhor modo, a tudo quanto diga respeito a um Pai que não é o verdadeiro Pai!... Deus é VIDA,

Deus é AMOR, Deus é JUSTIÇA; em Deus não existem favores, não cabem desaforos humanos, nem podem encontrar guarida os ímpetos sectários e facciosos dos clericalismos de todos os tempos!... Quem divide, quem não ama, quem foge do melhor conhecimento, não pode se dizer religioso!... Os cleros têm feito da mentira a religião, só porque os seus donos precisam comer e beber à custa dessa mesma mentira!...

– Mas se nós fomos os fabricantes de clerezias!... – interrompeu a avó, deixando transparecer um profundo conhecimento histórico do neto, ou de suas vidas.

– Pois façamos qualquer coisa por desmanchar o passado! – replicou ele.

– Isso já está sendo feito, querido Edgard; todos os grandes vultos que fizeram pelo Espiritismo alguma coisa, neste renovo cíclico, dando-lhe foro de doutrina organizada, nada mais foram que aqueles mesmos que em outros tempos, por via de inferiorismo, fundaram religiões sobre princípios sólidos, mas, infelizmente, mui rusticamente interpretados. Não disse o Mestre que Elias viria restabelecer as coisas? E sabe o porquê? É que Elias, em outros tempos, fora o fundador do mais exclusivista princípio religioso do planeta! Assim, portanto, é dever de cada qual, antigo instrumento do Senhor, mas agindo inferiormente, fazer o possível para que o religiosismo feneça e o verdadeirismo se estabeleça no mundo! É da Lei que assim ocorra, e, por isso mesmo, assim está ocorrendo.

– Folgo em saber isso... – disse Edgard, revelando satisfação.

– Os “fundadores de religiões” nada mais querem, no presente, senão que se estabeleça no mundo o conceito do Cristo – “a VERDADE vos tornará livres.” – Porque toda questão espiritual o é de ordem fundamental, quer em moral, quer em ciência. E assim sendo, de que precisa o ser, para subir pela escada da Pureza e da Sabedoria, que não seja amor à VERDADE e repugnância pelo convencionalismo clerical?

Houve um silêncio longo, depois de ter assim se expressado a avó de Edgard. O que cada um de nós pensou, não sei. Sei, de mim mesmo, que idéias renovadoras me vieram à mente, aos jorros. E que Altair comentou, olhando-me nos olhos:

– Difícil é extirpar do solo a semente da tiririca!... Religiosismo errado é um vício nefando!... Sem o concurso de certas leis, impossível seria o trabalho de renovação e recuperação do eu; portanto, façamos o possível, mas sem desesperos e sem ímpetos... Sem paciência não nos pouparemos às grandes falhas, aos torpes atos e às dolorosas reencarnações... Deus, sendo AMOR é também TOLERÂNCIA.

– Justo – foi o mais que pude dizer, ante aquela fisionomia reveladora de grandes experiências acumuladas.

– Como folgo em saber que os velhos fundadores de modos de crenças, trabalham agora para implantar no mundo, o culto da espiritualidade sadia, sem jaça, porque alheia às cogitações convencionais ou de estatutos organizados por homens. Se a era do Consolador chegou, avó Altair, é porque chegou ao homem deste planeta, o momento feliz de sobrepor-se às futricas teológicas, verdadeiras cadeias, deprimentes grilhões, que trucidam no ser, a consciência e a razão.

E a avó assim se expressou:

– De minha parte, Edgard, alegro-me em vê-lo ansiado por tais idéias. Quando o princípio mental se torna consciente, em seguida, todos os poderes latentes podem ser postos a trabalhar bem pela causa comum. Um espírito desencarnado, só pelo fato de o ser, não precisa menos de desejo de luta e auto-reconquista. Se é certo que foi um evangelista, também é certo que não fez o que poderia ter feito pelo avanço no âmbito do próprio Evangelho.

E como Edgard, ao ouvi-la assim dizer, aguçou mais os ouvidos, ela prosseguiu, com mais vigor:

– Porque o Evangelho é escola sem fim, para nós, quer para baixo, quer para cima. No seu âmbito, Edgard, enquadra-se o ser embrionário e seu meio ambiente, bem como os do grau crístico e suas esplendorosas realidades. Veja, ou sinta, portanto, o quanto o homem está ainda longe das profundas lições do Evangelho! Tudo é nele infinitamente profundo, pois é, por assim dizer, PRINCÍPIO e FIM, em sabedoria. De amar a Deus com toda a inteligência e com toda a força do coração, nenhum ser terrícola é ainda capaz; isso implica em santidade tal, e em tão profundo saber que não o suportaria um espírito, uma vez jungido ao grau de densidade dos corpos terrestres. Nem nos êxtases dos místicos isso é possível, sendo certo que o êxtase é produto de exteriorização do eu, fenômeno que facilita outras e mais elevadas formas de sintonia e contato com as supremas vibrações.

– Bem – comentou ele – e quem iria julgar-se, na terra, senhor de todos os conhecimentos e detentor de toda a capacidade de sentimento? Por sinal que, se houvesse alguém nessas condições, comentário algum faria disso, simples e modestos como soem ser aqueles que mais são e podem.

– O próprio Cristo – comentou ela – no sentido de hierarquia pessoal e como expoente de indiscutível sublimação de estado universal, quando veio ao mundo em condição humana, fê-lo reduzidissimamente. Menos disso, não só o não suportariam os homens, seus irmãos menores, como, ainda, não lhe seria

possível consorciar a grandeza dos esplendores espirituais às rudes condições de um corpo físico e de um ambiente tão medíocre. Houve, pois, primeiramente, intervenção de um processo redutor. E uma vez assim equiparado, deu-se o grande acontecimento. Cumpre notar que, tais reduções são comuns, embora em menor escala, da parte de outros seres que periodicamente encarnam.

– Tudo faz crer em leis sábias! – afirmou Edgard.

– Naturalmente. – apoiou sua avó – Se é lei o poder vibrante do espírito, menos lei o não é a densidade do plano físico, do mundo e das coisas materiais. Cada coisa, cada elemento, em sua condição é lei e por lei se define, como expoença de um Supremo Poder. Nada há que não mereça respeito na chamada Obra Divina, porque tudo reflete uma Vontade Superior. E o homem, na altura do poder discernidor, nunca deve desrespeitar coisa alguma, daquelas que são por Suprema Vontade. Deve é procurar compreender e aplicar bem, começando por si mesmo.

Altair, a sobrinha, depois de nos ter deixado por um pouco, voltava agora acompanhada de três priminhos, todos espíritos encarnados, que haviam deixado seus corpos nos leitos. Chocaram-se um pouco, é certo, vendo o velhote e falecido tio pela frente, mais vivo do que antes, sorridente e feliz. O tio, por sua vez e com aquele modo de atrair próprio dos velhos, atraiu-os a si, acariciando-lhes as cabecitas louras e puras.

Dentro em pouco, todos os pequenitos rumaram para os braços de Altair, a avó, que os mimava, insuflando-lhes poderosos jatos luminosos. Depois de agradável palestra, recomendou à jovem que os recambiasse aos devidos corpos. E não foi com satisfação que os pequenitos despediram-se dos queridos parentes mortos.

Quando a jovem Altair voltou, estando todos nós reunidos, disse-lhe a veneranda senhora, sua bisavó:

– Querida, quer você dar início a um belo serviço?

A moça, cheia de vida e fulgor espiritual, fez um gesto de consentimento, embora fizesse entrever que tudo faria aguardando de Deus as bênçãos, e dos mentores o apoio e as diretrizes seguras.

– Bem pensa, querida amiga. Antes da bisneta é a grande amiga de outros dias, o espírito batalhador de outros tempos, que não media um sacrifício, desde que fosse para torcer o erro e levantar a Justiça. Esperamos muito de si, amada filha de ontem, pois para uma boa sementeira veio à carne. Deus nunca deixará ao desamparo aos que procuram servi-Lo em amor e em sabedoria. Levantará nos meios familiares primeiramente, e depois nos arredores, a tocha de um

conhecimento superior, iluminador de consciências e consolador de almas. Para que os homens sintam a verdade evangélica em si mesmos, necessário se faz que nobres seres se entreguem à luta. Sem que se queime o pavio e se consuma a essência, impossível é que se torne iluminado o ambiente.

A jovem fitava firme o rosto belo e absorvente da veneranda mulher. E quando esta abriu os braços, banhou-lhe as vestes alvíssimas com suas lágrimas felizes e agradecidas. Estava feito um pacto. E com poucas palavras mais, atendendo a um convite da bisavó, partimos todos rumo ao plano de vida que lhe era de direito. A Altair, bisneta, estava radiante. Seu porte esbelto, seu esplendor espiritual, tudo nela pareceu aumentar desde que se enfronhou em seu ambiente hierárquico correspondente.

A região era, de fato, muito avançada. Devia ser o décimo oitavo céu, ou faixa, segundo o modo de se entender ou classificar as zonas que circundam os mundos sólidos. Como é de saber, considerar para cima ou para baixo é convenção que deriva da lei da gravidade; porém, não há, de fato, esse cima nem esse baixo. O que há são zonas exteriores, cada vez mais sublimes ou celestiais, isto é, mais próximas intimamente ao Supremo Ser, que é Estado Divino por excelência. Isso quer dizer, é óbvio, que Deus é onipresente, mas que a manifestação não pode ser absoluta, onde a matéria ou a materialidade o não permita. E como tudo isso se passa pela Sua Vontade, por lei, tributaremos amor e respeito aos relativismos, uma vez que lhes cumpre ressaltar o que é mais sublime.

Primeiros sinais

Depois daquele saudoso dia, começou um belo serviço da parte de Edgard. Altair começava a sentir estranhos e suaves frêmitos, tremedeiras esquisitas e adormecimentos nos braços. De noite falava muito, parecia conversar com alguém. O nome do tio era freqüentemente pronunciado.

E a família vivia pensando em mil coisas. Pensava, apenas, até o dia em que a moça teve o seu primeiro ataque. Então, correram ao médico da família, também da mesma seita protestante. Este, constrangidamente, confrangedoramente, falou em epilepsia. Receitou ampolas, fortificantes, choques elétricos, etc.

Uns vinte e poucos dias depois do primeiro ataque, foi a família visitada por um amigo muito íntimo, praticamente ocultista. Era este companheiro de trabalho do pai de Altair; havia mais de trinta anos que trabalhavam juntos. E nenhum conseguia convencer ao outro, sobre as vantagens doutrinárias esposadas. De sólido havia a amizade, estabelecida sobre camaradagem e mútuo respeito às qualidades de caráter de cada um.

Quis Deus, sem dúvida, estivesse ali Paulo a conversar com o pai de Altair, ao ter ela mais um de seus ataques. A família acorreu, pressurosa. E fricções foram feitas, movimentos de membros, etc. O vizinho veio aplicar uma ampola, mas, fato estranho, a moça, para eles, não deixou aplicá-la, tendo afastado a mão do amigo servidor.

– Isso – sentenciou o ocultista – é puro caso espiritual... Ela está tomada de um espírito...

E com o dizer isso, pôs a casa em polvorosa. A Bíblia foi posta sobre o peito arfante da jovem, tendo outros recitado versículos do Livro de Salmos. Todos começaram a pensar em diabos e diabinhos, projetando imagens pensadas ao éter circunstante. Nós, isto é, Altair, a avó, Edgard e eu, sofríamos com isso, porque o triste pensar nos afastava, por quebra do padrão vibratório. Para eles, sem dúvida, estavam operando com Jesus Cristo; mas, na realidade, dado o medo reinante e a má fé contra a Suprema Vontade, estavam é operando de modo contrário.

E foi por isso que a veneranda Altair, projetando um raio de luz para onde não sei, convocou uma turma de seres trabalhadores; estes, assim chegados, começaram a atuar sobre Edgard, ele que deveria, assim lhe fosse possível, falar a todos em nome do Pai, avisando-lhes da necessidade de poupar a jovem dos medicamentos violentos que lhe estavam sendo ministrados.

Também, tanto bastou que aqueles seres atuassem, com seus fluidos mais densos, para que Edgard dominasse completamente a jovem, em sua

organização mediúnica. A palavra do amigo se fez ouvida, ficando todos atentos, achando alguns que era a moça que voltava ao estado natural. Todavia, Edgard falava brando com a voz bem mais grave. Depois de dizer quem era, e para o que tinha vindo ali, alguns poucos tornaram-se satisfeitos, tendo outros, em seus íntimos, julgado ser aquilo uma das manhas do diabo.

Urias, o pai da jovem Altair, que era irmão de Edgard, talvez por ser pai e por desejar o restabelecimento da filha, consultou ao irmão desencarnado, como agir para a cura. Nisso, também sua esposa, a mãe da jovem, entrava na conversa, para reclamar a cura da mesma, com brevidade.

– Não há cura por dar-se – disse Edgard – porque ela não é doente. É apenas uma médium, ou uma profetisa, segundo como se dizia nos velhos tempos. É, o que se está passando, um prolongamento do batismo de Espírito, para que, assim como o fez Jesus, a VERDADE não seja pregada só teoricamente. Como a Revelação acompanhou o Messias, assim terá que acompanhar os seus apóstolos.

– Como te encontras, Edgard? – inquiriu o irmão encarnado.

– Muito bem, graças a Deus! A vovó Altair manda-vos saudações... – respondia o irmão desencarnado, pelo órgão vocal da jovem sobrinha.

– E Dalva? – indagou a mãe da jovem.

– Está bem, mercê do Senhor... Trabalha em outro lugar, por isso não nos acompanhou...

– Quem está aqui com você?... – perguntou de novo o irmão encarnado.

– A vovó Altair, e um amigo chamado Alonso.

– Vovó é feliz? – perguntou um pequenito, entrando na conversa, sem medo.

– Vovó, querido, é um espírito de grande envergadura... Nós não somos todos iguais em todos os pontos... Uns mais evoluídos, outros menos, e, assim por diante. Deus é justo e nada há errado em Sua Obra. Nós é que ignoramos muito, sendo que não faltam os que gozam com o saber menos ainda.

Enquanto o espírito falava, e ia longe em suas afirmativas, a veneranda senhora pousava suas mãos luminosas sobre todas as cabeças, uma por vez. E, depois de alguns esclarecimentos mais, Edgard prometeu voltar, contando que, na quinta-feira próxima, todos se reunissem em torno a uma mesa, pensando em Jesus Cristo.

Eunice, a mãe da jovem Altair, pediu muito pela saúde da filha. E Edgard lhe respondeu que deles mesmos dependia a cura, uma vez que doença não havia.

No coração daquela mãe, uma alegria infinita pareceu entrar. E o cunhado morto terminou por lhe pedir transmitisse aos seus, que estava bem vivo e na paz de Deus.

Depois da retirada do amigo, ficamos por um pouco na residência. Com a volta consciente da jovem Altair, todos se alegraram. E choviam sobre ela, perguntas e mais perguntas. De um modo geral, porém, todos ficaram satisfeitos, por notar-lhe a ótima disposição e a alegria espontânea.

Paulo, o ocultista, sentia-se, como amigo da casa e da causa, esfuziante de alegria. Era como um tabu, para eles, que nada entendiam de tais coisas. Disse coisas, falou nos Patriarcas hebreus, em Moisés, nos Profetas, no Cristo e nos Apóstolos, dizendo que todos eles haviam sido médiuns ou profetas, isto é, que tinham sido intermediários entre o mundo dos encarnados e o dos desencarnados, de conformidade com as faculdades e a altura de suas possibilidades e investimentos missionários.

Na residência de Rogério

Triste do homem que não tem coragem nem fibra intelecto-moral para, sendo necessário, contradizer suas próprias convicções, assim, sejam ou se tornem estas carentes de reforma. Tal processo, sem dúvida, só pode alojar-se num cérebro doentio, sectário e angustiado, por isso mesmo incapaz de compreender as variações da vida e os infinitos tons e matizes da VERDADE.

Foi em torno dessa lógica que se conversou na residência de Rogério, onde o casal Edgard havia combinado encontrar-se. Urias, o pai da jovem Altair, foi bem apreciado pela veneranda avó Altair, que disse esperar dele muitos resultados em proveito da disseminação do Evangelho progressivo.

Depois de minutos, a veneranda senhora despediu-se e sumiu de nossa frente; e o casal Edgard fez o mesmo, mas saindo a caminhar, lentamente, talvez para saborear o prazer de mútua companhia. A madrugada estava calma, na região onde eu naqueles dias habitava. Um luar muito pálido banhava todas as coisas. De longe em longe, um pio de ave ou um silvar de inseto fazia pensar no quanto as terras do céu se parecem com a terra dos encarnados. Do conjunto das idéias, do apanhado geral, um pensamento surgia que se impunha: teria havido, algum dia, começo ou fim? Como teria agido Deus, a ESSÊNCIA TOTAL, ou qualquer de seus delegados, para dar aos seres e às coisas, tais disposições? E como criticar violentamente a um negador de tanta majestuosidade, se a própria majestade torna a mente, por vezes, incapaz de discernir? Porque, para mim, sinto que é muito fácil conceber a um PRINCÍPIO COMUM de todas as coisas; mas é quase impossível predizer em que infinitos matizados se desdobra tal PRINCÍPIO.

A síntese é facilíma; o poder analítico é falho. Muita síntese é muita ignorância. Pouca análise já é bastante sabedoria. Sobretudo, cumpre dizer que fazemos parte do plano analítico, da chamada Obra Divina, tendo muito mais de ver para com o plano analítico ou relativista, do que para com o plano da síntese. O que somos é originário da SUPREMA SÍNTESE; tudo o de que carecemos é derivância dela; mas, em verdade, estando no quadro das derivâncias, muito mais delas carecemos. Nenhum de nós dá nem recebe da SUPREMA SÍNTESE, sendo que é apenas um elemento ornamento do quadro relativista, que, por isso mesmo, de modo algum pode prescindir do dever de fraternal cooperação.

Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos? Creio que esse dispositivo do código decalogal não filtra o espírito da SUPREMA ESSÊNCIA, pois de modo algum é ELA egoísta, a ponto de aquinhoar bem a quem lhe propínqüe eternos louvores, embora por pouco azucrine a seu próximo. Deus, de forma alguma, exigiu jamais a adoração de quem quer; isso é invenção

de homens, isso é produto de informes medíocres, advindos de entidades involuídas. As trevas astrais estão abarrotadas de grandes louvaminheiros, de criaturas que, para adorar a Deus, nunca respeitaram o direito do próximo.

Digo, por conhecimento próprio, que bem se encontram aqueles que pelo seu próximo deram até suas vidas em sacrifício. Para com Deus, que está tão acima do poder concepcional humano, basta um sincero sentir que é o que é, a ORIGEM de tudo e todos, e que nos quer ver puros e sábios. Um dia, quando os homens se tornarem mais puros e sábios, todas as maneiras de adoração exterior cessarão, todos os beatismos rolarão por terra. Haverá no coração de cada homem, uma tocha acesa em sinal vivo, vibrante de ação moral e inteligente para com AQUELE que lhe é o FUNDAMENTO. Para servir a Deus, adorá-Lo, amá-Lo, o homem procurará por todos os modos encontrar a um irmão, por quem possa fazer alguma coisa útil.

Fora do AMOR não há bem aventurança. Fora do AMOR todas as adorações são paliativos estultos, hipócritas e mercenários. Nas regiões tenebrosas ouvi muita gente advogar em causa própria, dizendo:

– Senhor! Meu Deus! Virgem Maria! Jesus Cristo! Rezei muito! Confessei-me toda a vida! Li o Evangelho! Era católico! Era espírita! Era protestante! etc.

Mas só dor e desespero tinham por herdade, porque, sem dúvida, suas obras em sociedade não tinham primado pelo melhor fraternismo. Creio que se o Cristo, o transmissor do Evangelho, da Carta de Alforria, volvesse ao mundo em carne de novo, outra vez repetiria: “AMAI-VOS UNS AOS OUTROS”.

Porque os sacerdotismos do mundo, em verdade, estão muito longe dos determinismos divinais. Espiritualismo não é espiritualidade. Religiosismo não é religião. Rótulo não é essência. Aparência não é realidade. Presunção não é mérito. E os títulos do mundo não suportam o guante da Suprema Justiça, na maioria das vezes.

O Consolador tem muito que fazer ainda. Como, porém, é lei geral ou fundamental, cumpre que os homens se façam arautos sinceros. Sua tremenda força latente, nada seria sem que os modernos apóstolos lhes dessem expressão humana vigorosa. A VERDADE não precisa de quem lhe testemunhe o valor intrínseco; mas apela no sentido de que apareçam os bons divulgadores de suas excelências irretorquíveis.

Também, cumpre se não faça o homem cultor de rotinismos. Um ponto de doutrina é um ponto; não é toda a doutrina. Quem faz círculo vicioso, pensando ser apóstolo do Cristo, torna-se o do anti-Cristo, isto é, da involução. Quem pensa que já sabe muito sobre o Evangelho, por ter-lhe decorado a letra, é contra o

Evangelho. O Evangelho não é o livro, mas sim a lei geral do AMOR e da CIÊNCIA, tal como a VIDA expõe. Era preciso revelar uma síntese, e, ao mundo veio um Excelso Transmissor. Os homens, ou os clericalismos, fizeram do transmissor Deus e do livro o Evangelho!

Cada qual tem em si a Deus e ao Evangelho; porque tem um FUNDAMENTO e é parte da LEI GERAL do AMOR e da CIÊNCIA. É o que é e faz parte do plano geral. Despertar em AMOR e em CIÊNCIA significa ir ao encontro do FUNDAMENTO e por com ELE sintonizar, filtrar-LHE a VONTADE. Todos estamos votados ao estado crístico. E os que atingiram tal e stado de sublimação, agem como delegados do FUNDAMENTO, do PRINCÍPIO ao qual chamamos Deus.

Na próxima quinta-feira

Estamos todos submissos à lei de associação. Portanto, cada um de nós levou para o recinto de Urias, vários amigos. E da parte dos encarnados, também a coisa assim se passou. Redundou tudo em muita gente, para assistir a uma sessão espírita, reprodução, em grau relativamente diferente, daquilo que Jesus fez no alto do Tabor.

Fazia uma hora, mais ou menos, que a veneranda Senhora Altair havia se aproximado da jovem médium Altair, quando eu e muitos outros chegamos ao recinto. Em nossa companhia, desta vez, estava Dalva. E o seu primeiro desejo foi oscular a sobrinhada toda. Em dado momento, disse a jovem médium:

- Não sei bem porque, mas sinto-me tão alegre, mamãe.
- Naturalmente, filha, por não se terem repetido os ataques.
- Não... Não é isso, mamãe... é qualquer coisa de indefinível.

Ela, o que sentia, sem compreender, era a presença benfazeja da bisavó, que lhe transmitia poderosos eflúvios luminosos.

No momento da reunião, todos os olhares volviam-se para a jovem. E Urias quis que o ocultista falasse qualquer coisa. Paulo, o ocultista, pediu uma Bíblia, e de Bíblia em punho, falou na Revelação, por intermédio dos espíritos ou anjos, a começar do Gênese e a terminar no Apocalipse. Deus, dizia ele, por meio dos anjos ou dos espíritos, sempre instruiu aos homens.

E como só existe um relato apostolar sobre o modo de reunião dos Apóstolos, o ocultista foi lê-lo, na carta de Paulo aos Coríntios, primeira carta, capítulo quatorze. E sentenciou, com todo o vigor de seu entusiasmo:

– Esse era o sistema de reunião dos Apóstolos, e cópia exata do grande acontecimento do Pentecostes, quando se cumpriu o batismo de Espírito, para o que veio ao mundo o Cristo! Para que, pela Revelação, torne-se o homem conhecedor das coisas de Deus! O Cristo, portanto, recomendou o AMOR e prometeu a Revelação; e nós teremos, hoje, mercê de Deus, mais uma vez a promessa do Cristo testemunhada!

O tom sincero, poderosamente vibrante do ocultista, sacudia nossas sensibilidades. E a veneranda Altair, a avó de Urias e bisavó da jovem médium, não pode fazer de menos ao lançar mão da jovem, para a todos saudar, por tão grata oportunidade. Suas primeiras palavras foram de gratidão pelo orador da noite. Depois, a todos se dirigiu, com maternal carinho.

A consoladora manifestação dos espíritos arrasta consigo a necessidade de orientação de entidades sofredoras; porque, com isso, avança o homem num

sentido a mais da solidariedade, sem deixar de ter sempre, pela frente, profundo compêndio natural de psicologia. Lucram ambos os planos, porque lucra a humanidade em si mesma, ela que é sempre a mesma, para alguém ou para além do túmulo.

Depois de algumas considerações a mais, atendendo à curiosidade até de alguns dos presentes, a veneranda senhora pediu ao ocultista, ele que era mais conhecedor de quantos ali estavam, de tais questões:

– Amigo Paulo, desejo que oriente a um irmão sofredor que aqui se encontra; como sabe, amigo, Jesus ensinou a fazer isso, embora tenham os historiadores interessados em outros aspectos doutrinários, feito questão de subtrair aos livros sacros, ensinamentos tão verdadeiros quanto úteis.

E havendo-se posto o homem ao dispor da entidade iluminada, saiu ela do lado da jovem, para que três outros trabalhadores dela avizinhassem um homem de triste catadura, que se retorcia em dores atrozes.

Logo, dominando a organização mediúnica da jovem, o sofredor se impunha, fazendo-a reproduzir tudo o que de si mesmo era. Retorcia a jovem, chorava e gemia dolorosamente, pedindo amparo pelo amor de Deus. E o ocultista passou a dizer ao sofredor, que já era um desencarnado, que precisava disso certificar-se, para poder trilhar uma vida de recuperação, em paz, saúde e trabalhos.

A entidade não podia ouvi-lo, porquanto estava, dominada por dor atroz. E o homem pediu a todos, uma prece por ela. Nesse instante, parece que deixando cada qual de ser muito curioso, entrou a orar. E o conjunto era formoso, porque cada um dirigia ao sofredor, um contínuo jato de fluidos curadores. Aos poucos, mais do que com muita conversa, o homem sofredor foi ganhando paz e saúde.

Quando já estava bem melhor, a veneranda se lhe tornou visível, e falou-lhe com muito carinho. O homem estranhava que, sendo um morto, pudesse ter um corpo para sofrer tanto. E a veneranda fez-lhe sentir, que um corpo é sempre um corpo, em qualquer grau de densidade, porque está em justaposta relatividade com o grau consciencial do ser espiritual. Pediu-lhe ela elevasse o pensamento a Deus, o Sagrado Princípio, para que sua cura ficasse a melhor possível no momento.

E o homem, tendo orado com fervor, tornou-se receptáculo de eflúvios sublimes, findando por agradecer a Deus, e a todos, com ternas lágrimas. Ao perguntar para onde teria de ir, respondeu-lhe a veneranda que, com um dos presentes, iria para uma região adequada ao seu merecimento, para aprender e trabalhar pelo bem comum.

E o homem se foi.

Estava ali presente, também, da parte dos encarnados, um homem que depois fiquei sabendo, era lente de uma faculdade e parente da casa. Era homem que esposava idéias deístas um tanto singulares, pois acreditava em um possível Deus, mas um Deus mais imaginário do que real, uma espécie de símbolo do todo. A este pediu para dirigir-se, uma entidade de cor que ali dera entrada, num repente.

Contrastava com a cor da pele, a alvura de suas radiações. O preto era muito alvo de espírito. E a veneranda concedeu-lhe a oportunidade desejada. Assim que o preto falou, dirigiu-se ao tal professor, com muito de intimidade. E o doutor levantara-se para ouvir melhor. A entidade, então, lhe disse:

– Sou o Bento, doutor Aníbal... O servente. Faz três anos que deixei o corpo mais denso, em troca de outro mais leve e a gosto.

O doutor estava em ambiente a si estranho, tendo dificuldade em travar diálogo com o espírito do velho serventuário. Mas, disse a certa altura, quando já o julgava com medo ou incapaz de falar:

– Bem. E quer me dizer alguma coisa? Em que lhe poderei ser útil?

– Lembra-se de quando dizia aos alunos: “Se o culto das virtudes for uma ilusão perante a morte, assim mesmo será a mais nobre realidade da vida”?

– Lembro-me... Pois ainda o digo... – tornou a falar o doutor, respondendo ao preto iluminado, que lhe falava do continente da morte, através de Altair.

– Pois prossiga, caro doutor, que nenhuma coisa é ilusão na vida, desde que o espírito a viva, mesmo que seja por um momento fugaz. Foi só para lhe dizer isso que vim, a pedido da dona Francisca, sua mãe, que lhe manda bênçãos, muitas bênçãos... E adeus, caro doutor... Adeus, meus irmãos.

E depois de fazer um gesto reverente para com a veneranda senhora que lhe dera oportunidade de falar ao doutor encarnado, despediu-se e sumiu na imensidade. O doutor sentou-se, depois de volver para o seu lugar, ostentando no rosto uns filetes que refletiam a luz da lâmpada próxima. Nós podíamos notar, perfeitamente, que aquele homem era um sensível, um homem de bem, como se diz. Porque, ao lhe penetrarem pela alma a dentro tais palavras, todo ele aureolou-se de um azulino muito belo. Foi como uma tocha iluminadora, que de si dera o que tinha, ao primeiro desejo de quem lhe achegara.

Ato contínuo, a veneranda Altair pediu a Edgard para que se pronunciasse pela jovem médium. E ele o fez com muito gosto. Falou a todos, perguntou e respondeu à vontade e como melhor pôde, sobre assuntos vários. A um sobrinho que lhe fizera interessante pergunta, mas impossível de ser respondida, disse ele:

– Conto com alguma lucidez a mais, e com muita facilidade de locomoção; mas ainda não me tornei onisciente... Sou o mesmo que era, exceção daquilo que já disse, mercê de Deus, orna-me agora a personalidade. Portanto, nada posso dizer sobre onde habite Jesus, nem sobre o que esteja fazendo neste instante. E para vos dizer uma grande verdade, e recomendá-la mesmo como de grande utilidade, digo que é bom se vá o encarnado habituando ao hábito das restrições, pois vivemos aqui tal e qual na Terra, em meio circundante que se expressa à base de leis limitadoras. Para vencê-las, amigos, temos de vencer-nos a nós mesmos em primeiro lugar. Sem melhoras internas, ninguém conseguirá melhoras externas. E o problema de Deus, como qualquer outro problema de ordem hierárquica, tanto quanto aí, aqui também é apenas infinito. Os grandes seres, quando vêm a nós para nos instruir, falam relativamente sobre questões profundas, deixando-nos compreender que a parte mais interessante, toca a cada um por si resolver, pois é mais questão de realização do que de conhecimento teórico apenas.

E depois de sondar de certo modo a uma pergunta formulada na mente de um dos presentes, disse:

– Mas como chamaria Deus a alguém para junto de si? Como haver precedentes desonestos em Deus? E tecnicamente falando, meu amigo, implica isso em tremendo erro, pois nem Deus é antropomórfico, ou figura individual, nem em Sua Justiça há lugar para exceções. Deus é o Princípio Sagrado que em tudo e todos é fundamento. Quem tiver em mente a idéia de um Deus externo a si, esteja certo de que está errado! E ao Deus interno, ninguém irá por meio de favores ou formalismos religiosistas, nem tampouco por concepções intelectualistas fanáticas. A Deus só iremos, amigos, por meio dos santos caminhos que são a Pureza e a Sabedoria. Tais caminhos serão sempre de ordem interna; quanto ao mais, amigos, são estrepolias clericalistas, que o tempo se encarregará de banir da mente humana.

Volveu levemente a cabeça para Eunice, a mãe de família, e respondeu-lhe de modo insinuante:

– Sim, minha bondosa irmã, no cumprimento do DEVER está a grande e pura doutrina de Jesus Cristo, moralmente encarnada. O mais, verdadeiramente, é CIÊNCIA. E quem aliar à sabedoria moralidade inatacável, estará trilhando o melhor caminho. Sem tais fatores, pergunto, quem honraria a VIDA? E quem desprezar a VIDA, o mais fundamental e direto fenômeno que nos diz respeito, como poderia prezar ao seu próximo? E sem amor ao próximo, sem compreensão do ambiente circundante, onde haveria culto digno? O sentido moral da vida vale mais do que a própria vida, já o disse alguém, e sem aqueles fatores, como respeitar o sentido moral da vida?

Os amigos de ambos os lados estavam imaginando em tais palavras, quando o companheiro disse, despedindo-se:

– O reino do céu jamais virá a nós, porque em Deus tudo é fundamental. Ele nos fez, se assim quiserdes pensar, com natureza para tudo, conferindo-nos o direito de podermos andar mais depressa ou mais devagar. Todos os valores evolucionistas nos são ingênitos, e, por isso mesmo, não peçamos a Deus aquilo de que por natureza já somos herdeiros. Basta de religiosismos estúpidos! Basta de mentiras teológicas! Basta de pensar em um Deus traficante! As velhas concepções espiritualistas estão abarrotadas de erros tremendos! Procurai saber mais e melhor sobre a VERDADE, que está dentro de vós e de quem sois parte, tornando-vos templos de AMOR e CIÊNCIA! Adeus!

Em seguida, a veneranda Altair tomou a médium Altair, sua bisneta, para recomendar o prosseguimento dos trabalhos; e tendo pedido um pensamento de amor para com os desencarnados sofredores, que deveria ser feito em silêncio, por todos, despediu-se, recomendando meditassem bem no que haviam visto e ouvido, não deixando de relacionar tudo, com a promessa do Cristo, sobre um Consolador que seria espraçado sobre toda a carne.

Fez uma breve pausa e, sorrindo, concluiu:

– Mas, se não quiserdes convir com a Soberana Vontade de Deus, nem por isso detereis a marcha triunfante da VERDADE... que são as coisas de Deus... Porque Deus, verdadeiramente, é a VERDADE que o homem desconhece, mas que aos poucos, de um modo ou de outro, terá que conhecer... Deus, irmãos queridos, é a CAUSA e é o EFEITO... Adeus.

Urias, o chefe da casa, havendo-se posto em pé, falou brevemente:

– Meu Deus! Sinto-me como um perfeito analfabeto diante de Tua sabedoria; mas, minha alma transborda de contentamento! Só Tu poderias fazer estas coisas e propinar a Teus filhos tão gratas e santas satisfações. Por isso, Senhor, em nome do Teu Santo Enviado, Jesus Cristo, nós humildemente Te agradecemos. E pedimos, Senhor, que estas mesmas graças penetrem o coração de todos os filhos Teus, principalmente daqueles que mais precisam, que são os que ainda medram nos planos dolorosos da ignorância espiritual. Envia, Senhor, Teus santos mensageiros a todos os lares, para que a terra inteira se torne pródiga em amores santos!

A Ti, Jesus, Divino Mestre, agradecemos hoje o Amor exemplificado, bem como o Consolador prometido. Herdeiros da promessa e livres para cultivar o Amor, que mais Te poderíamos pedir? Senhor! Um dia, na vida, agradeceste aos discípulos por terem estado contigo nas duras provas; por terem pontilhado do desbravamento dos desertos do espírito humano! E é por isso, Mestre, que

queremos lembrar, não um pedido, mas sim uma bênção. Para que possamos fazer de hoje em diante, do viver o Evangelho, assim como Tu exemplificaste!

E aos mensageiros da Paz, agradecemos carinhosamente o doce convívio. Sempre foram anjos ou espíritos os intermediários entre o Pai, o Mestre e os homens bem intencionados de todos os tempos. Desejamos, queridos amigos, que vos pague Deus por tanta nobreza de alma!

Seu rosto estava sendo banhado por filetes cristalinos. Sua alma transmitia-nos raios de luz inteligentes e respeitáveis em pura afetividade. O ambiente estava, todo ele, psiquicamente santificado. E nós, um grande número de invisíveis ou mortos, sentimos necessidade de agradecer aos planos superiores da vida, aos chefes, àquelas entidades por meio de quem se filtram os Sagrados Poderes.

A veneranda Altair foi colocar sua mão sobre a bisneta, fazendo-a desdobrar o suficiente para ver um pouco do que lhes ia em torno. E o chefe da casa pediu:

– Oremos para encerrar!...

Depois do encerramento, cada qual fazia o seu comentário. As dúvidas haviam sido, quase todas, vencidas. Nós não iríamos prestar atenção na conversa dos duvidosos, ficamos observando o que diria a jovem Altair, e ela disse:

– Que coisa maravilhosa vi, no final dos trabalhos!... Uma mulher que brilhava como se fosse um sol! E quanta gente alegre! Ao longe, porém, havia gente triste. Gente amarrada. Gente que gemia e chorava.

A veneranda Altair ficou contente. Queria mesmo, disse, dar uma amostra do quadro geral; fazer ver que uma sessão espírita é coisa muito mais séria do que muitas criaturas julgam.

– Mas nem todos podem ter visões assim, ficando o conhecimento dessa verdade, apenas a cargo das afirmações de alguns poucos! – disse alguém do círculo de seres regularmente envolvidos.

E a veneranda respondeu:

– E quem recebe, sem méritos? Quem quiser colher, que semeie! Há um grande número, amigo, que só faz jus ao lodo, porque outra coisa não cultivou. Como poderíamos passar por cima da auto-brutalidade e fazê-los receber o que não procuraram ter de direito? Lembre-se das últimas palavras do irmão Edgard, falando a nós todos. “Todos os valores evolutivos nos são ingênitos, e, por isso mesmo, não peçamos a Deus aquilo de que por natureza já somos herdeiros”. Logo, amigo, o reino do céu é questão de educação aplicada!

– Mas as falhas doutrinárias, irmã, não prejudicam tanto?

– Nenhuma doutrina impõe-se ao espírito, menos que este o permita! O cetro está com o ser filho de Deus e não com a doutrina. O contrário seria reduzir o ser a um simples autômato. E assim não quis Deus. Fê-lo com valores fundamentais por natureza, conferindo-lhe o poder e a liberdade de discernimento, para efeito de auto-diretriz. Logo, quando tenha evolvido até poder dizer-se racional, faça correto uso de tais conquistas. Se, porém, depois de conquistar o plano do discernimento, por fanatismo, quiser fazer-se apenas sectário, quem tem culpa disso? Também, não é certo que, contra espíritos de envergadura, de nada valeram as cruzes, as fogueiras, as martirizações em geral?

Silenciou um pouco, para sondar o vasto número de sofrendores que circundavam o ambiente, e, focalizou certo setor intelecto-moral:

– E no campo da descrença? E sobre as negações espirituais? Se desde os Vedas existem sábias lições de espiritualidade, quem pediu ao homem para que se brutalizasse? E brutalizando-se, tornando-se presa de animalismos degradantes, por que não deveria sofrer as conseqüências?

– O mau exemplo dos sacerdotes, muitas vezes... – ia dizer o mesmo irmão.

– Não convence, jamais, aos seres equilibrados! O erro de um é erro dele, e, só poderia influir por derivação. Quem crê ou explora o erro de um, para justificar o seu ou de quem quer, é muito mais errado ainda. Os bons corações, amigo, não têm gosto para incriminar; passam por cima dos erros, e, não se esqueça, trabalham pelo próprio melhoramento doutrinário, mesmo à custa da própria vida! A Terra, porém, está habitada, em sua maioria, por seres portadores de tremendas taras. Dão-se às negações, aos clericalismos, aos rotinismos degradantes, aos animalismos, e, por fim, querem um responsável externo para todos esses delitos! Muitas vezes, mesmo, criminam aos Livros Sagrados! Esquecem-se de que são eles transmissores de informes relativistas, produtos do trabalho de espíritos relativamente evoluídos, carentes uns e outros de avançamentos.

– O problema é complexo! – disse o irmão admirado.

– É simples! – emendou a veneranda Altair – Quem tem elementos naturais para trilhar o bom caminho, e deles faz uso para trilhar o mau, de quem e do que se poderá queixar?

Estava ela assim dizendo, quando infeliz entidade se lhe aproximou, abrindo caminho por entre a multidão que a ouvia. E tendo-se bem perto, fez esta indagação:

– Venerável irmã, queira ter a bondade de me esclarecer: não deveria Moisés responder pelo meu sofrimento? Afinal, senhora, fiz só aquilo que ele mandou fazer, tal como está no livro dos Levíticos!

– Não! – respondeu ela com firmeza, devassando-lhe penetrantemente o ser, em fração de minuto.

– Por que não?!... Afinal, que mal fiz?... Oficie!... Oficie!...

A veneranda explicou, brandamente:

– Três grandes coisas fez Moisés: pregar a vinda do Cristo; transmitir a Lei; e, recorrer à Revelação para obter os informes precisos no tempo. A chave foi sempre a Revelação. E quantas vezes o amigo deixou de parte os formalismos, os erros de Moisés, para sondar a VERDADE pelo culto da Revelação?

– Ele mesmo proibiu o culto do intercâmbio com os mortos!

– Um homem sábio, amigo, não cai na asneira de negar teoricamente, precisamente ao que faz praticamente! O feito de Moisés, no conclave dos setenta, quando daquele primeiro batismo de Espírito, faz bem compreender que a proibição não vem dele. Mas, que o fosse, por que o senhor usou de sua inteligência para cultivar o que era opinião do homem e não a graça de Deus? Mesmo, amigo, seu crime é posterior ao Cristo! Porque ficou com Moisés e deixou o Cristo? Moisés prometeu um Cristo, enquanto o Cristo prometeu um Consolador; quem lhe ordenou no sentido de desprezar o melhor ensino em benefício do medíocre? Mesmo quando quisesse ser contra Jesus, porque não respeitou os ensinamentos da Revelação? E terá de fato sido um mosaísta? Não teria feito de Moisés, assim como inúmeros fazem do Cristo, do Evangelho e da Revelação, apenas pretexto para a defesa de sanhas imediatistas? O bolso, o estômago, o título nobiliárquico, o jacobinismo prático, os interesses inconfessáveis que costumamos alimentar na vida... enfim, a falta de respeito que votamos a nós mesmos, não terá sido isso e não Moisés, o porquê do seu fracasso?

O pobre irmão, sacerdote com vestes esfarrapadas, barbudo e sujíssimo, inclinou a cabeça e não mais falou. Ia retirar-se; mas, quando começou a abrir brecha por entre a multidão, a veneranda o chamou, dizendo:

– Eleazar, caro irmão, vem para junto de mim!... Filho do céu!... Deixa o orgulho!... Deixa a prevenção contra o teu próximo!... Só o Amor é lei salvadora!...

O homem parou, e voltou para ela seu rosto desfigurado e triste. E ela foi a ele, bondosa e leve como uma pluma, dizendo-lhe ao tempo que o abraçava:

– Se for caso de perdão, perdoa; se o for de penitência, penitencia-te... Para com Deus, Eleazar, ninguém conseguirá ser, nem simples nem orgulhoso, nem tolerante nem perseguidor... Entre nós, porém, reine a mútua tolerância e o desejo de crescimento em Pureza e em Sabedoria.

– Não te chegues a mim... Vê, estou todo sujo de barro e bichos... – disse o pobre sacerdote, procurando afastar-se dela.

Ela apertou-o a si, enquanto lhe falou com carinho:

– Contra essa sujeira, amigo, anteponha o vigor do teu pensar; contanto que o faças com sincero desejo de reabilitação, tudo conseguirás. Chegou o teu tempo de recuperação... Está vencido um ciclo de purgação.

– Ajudem-me, então... – balbuciou o homem, chorando copiosas lágrimas.

A veneranda pôs-lhe as mãos sobre a cabeça, e orou com todo o seu poder de alma educada nos caminhos do amor. E mais um irmão faltoso, naquela hora, recebeu a recompensa de ter considerado sobre seus próprios erros. Houve como que uma transfiguração em miniatura. E a veneranda, chamando a si um dos trabalhadores presentes, entregou-lhe o agradecido irmão. Ele se foi, sem poder dizer uma palavra, no seu semblante, todavia, estampada estava a imagem de gratidão.

Depois de minutos, rumamos para nossos penates siderais, cada qual para o local que por turno ou devotamente, por necessidade ou dedicação, estivesse-lhe servindo de país, de oficina, de motivo ascensional.

O Juízo Final

Não peço desculpas por dizer o seguinte: ou muita estupidez infiltrou-se pela mente a dentro dos chamados historiadores sacros; ou muita corrupção clerical deslustrou grandes ensinos religiosos; ou muitas verdades excelentes sofreram os prejuízos concepcionais e interpretativos do homem; ou, muita gente bem mal informada, gente destas bandas, disse coisas ao homem, que não deveria dizer!

Não adianta me digam que cada tempo faz jus à sua verdade; essa forma de dispensar respeito ao absurdo, não me serve. Pelo contrário, gosto muito de quem é capaz de dizer: “como eu, ontem, era bem mais parvo do que hoje!”. Ou: “como me alegra saber que amanhã poderei pensar melhor do que hoje!”

Porque, amigos, dogmatizar é cometer ato absurdo! Ninguém sabe, que saiba eu, na Terra, o suficiente para poder dogmatizar, seja para que fim for, sobre conhecimentos quaisquer. Como dissera o grande vulto francês, Pascal, o homem nada sabe profundamente. Tudo o que sabe é superficialmente. Nada sabe de prático sobre as origens, nem tampouco com relação às supremas expressões. E, por isso mesmo, como me fazem rir as rígidas disposições dos estatutos humanos, quando pretendem advogar causas e coisas de domínio espiritual. Um simples dispositivo teológico, a querer passar por decreto de Deus! E quanta gente já morreu por dizer o contrário? E quanto patife ainda vive feliz por explorar tais dispositivos?

Todavia, sem saber ao certo sobre umas tantas afirmações bíblicas, digo que erros tais comportam, que horríveis sofrimentos causam, apesar de tantos e tão sublimes estímulos terem sugerido. Não saberia quem culpar; se aos informantes astrais, se aos intérpretes encarnados, médiuns ou profetas, ou se aos possíveis corruptores. O que sei é que certas afirmações pecam pela base! São virtualmente inverídicas, completamente falhas de sentido e aplicação. Pelo menos, que eu saiba, Deus não as usa!... E se já usou, que bem o diga, faz para além de muitos milhares de anos, coisa de que nenhum de meus amigos, superiores e baluartes da espiritualidade, pode falar de memória ou erudição.

Um ponto é o tão decantado Juízo Final; tão final que, para falar francamente, nem sequer teve jamais começo! Pelo menos, ninguém sabe dizer, por estas bandas por onde transito, que alguém isso viva a esperar. Todos sabem, porém, que o juízo data do momento da ação, seja boa ou ruim. O juízo seria, portanto, sempre inicial. Sempre em justaposta condição com o ato praticado! Em face da lei do Carma, onde haveria lugar e tempo para o Juízo Final? E quem o teria inventado?

Vamos, todavia, ao caso em apreço; porque francamente, não havendo pedido o Supremo Ser, a Essência Básica, conselho a quem quer para dar andamento a tudo, de ninguém o conselho carece, para que tudo ande direitinho, regido por leis de ordem geral, tanto bastando para que a felicidade se estabeleça nos seres, que se façam sintonizantes com tais fundamentais princípios. Porque, medite-se bem, não existe felicidade por razões particulares! Existe, digamos, uma lei, uma ordem; essa fraciona-se em gamas infinitas. E os seres vão escalando as gamas, transitando pelas sub-leis, até atingirem o ponto culminante. Toda e qualquer expressão de lei, porém, é de ordem universal. Há, pois, uma mesma JUSTIÇA para todos!

E essa JUSTIÇA não fica para estranhos poderes, não apela para outros seres, não vai a tribunais estabelecidos pelo conchavismo teologal do mundo; ela é ingênita a tudo e todos, em tudo age e se impõe de dentro para fora. Se é matéria, em si comporta os intrínsecos valores para todos os fenômenos, todas as mutações possíveis. E se é espírito, igualmente se passa. Quem, pois, um ato qualquer vier a praticar, comportará ele, naturalmente, uma correspondência moral, e, ninguém jamais separaria o ser agente, da responsabilidade intrínseca ao feito! É essa a lei do Carma, de causa e efeito.

E o Juízo Final nunca teve o que fazer na Obra de Deus! Quem esperar que a terra, o mar ou o quer seja, devolvam um dia tudo, para um julgamento final e absoluto, que perca a euforia sectária, e que se prepare para enfrentar a vida, sempre a vida, em qualquer circunstância que seja, boa ou ruim, assim como se tenha proposto, pelas obras.

Um homem em apuros

Edgard e sua esposa moravam nas vizinhanças da família Rogério. E o seu ponto convergente na Terra, para efeito de trabalhos doutrinários, ficara estabelecido na casa de Urias, o irmão encarnado. Todas às quintas-feiras havia sessão e, com muito gosto, orientavam aqueles que eram trazidos pelos mentores. Edgard, para melhor efeito, preparava-lhes os ânimos, sempre que lhes levava alguém, instruindo-os sobre sua natureza psicológica, estado de estar ou padrão mental. E os presentes, naturalmente, armados de força moral excelente, faziam o melhor pelo semelhante sofredor.

Num dos casos, houve a ingerência de um senhor, ainda bem jovem. Pedira ao bondoso mentor que sondasse sobre um seu tio, tresloucado que fora em vida carnal, avesso aos familiares e que, por espontânea vontade, dava-se ao serviço de pedir esmolas. Sua vida fora, disse, ir de porta em porta, a mendigar qualquer coisa pelo amor de Deus. Era, porém, muito mais pobre de espírito do que de bens do mundo.

O mentor pediu-lhe, principalmente, informe sobre o local de moradia, ou, pelo menos, onde mais costumava estar. E o rapaz indicou-lhe a residência de um irmão. Para lá, portanto, rumamos uns vinte e tantos trabalhadores, com o fito de iniciar sondagens. De fato, estando na casa uns tantos familiares desencarnados, uns bem e a maioria mal, fomos informados de que ele continuava a vagar, na companhia de um pedinte encarnado.

Volvemos, pois, ao recinto de Urias, para dizer que dentro em pouco daríamos uma resposta. Enquanto isso, na agenda do nosso amanuense, ficou inscrito o caso desse irmão, que era Etelvino.

Dias depois, com tempo e vagar, fôramos dois em busca do amigo pedinte. Edgard e eu nos dirigimos à residência citada. Dali partimos na companhia de um dos da casa, desencarnado de muito, e pouco desejoso de outros que fazeres, que não fosse partilhar, ou continuar a partilhar da vida de encarnado, por tirar do meio ambiente, das radiações dos encarnados, do duplo das comidas, etc, elementos para tanto.

E fomos localizar o homem, deitado nas escadarias de um templo católico; com ele, estava um preto muito idoso, encarnado, e que devia ser o pedinte citado.

Armados de poder, de autorização superior, fomos arrastá-lo dali para a residência do irmão encarnado. Ele, porém, que dormia como dorme qualquer encarnado, havendo acordado, não nos quis acompanhar por bem. E às brutas veio, porque aquele seu parente assim o quis... Nós nada dissemos, porque o

relativismo assim dispunha fazer. Estavam enquadrados em plano inferior de lei, e, como tal, nada de superior se lhes devia pedir.

Na residência do irmão, depois de muito resmungar, dispôs-se a nos ouvir:

– Sabe que já é desencarnado, Etelvino?

– E desencarnado também precisa pedir esmolas?!...

– Há sempre uma condição idêntica aguardando o homem no pós-morte, melhor ou pior, Etelvino. Há, não se esqueça disso, duplicata para todos os elementos, meios e fins. E essa duplicata, note bem, possui em si capacidade infinita de tons ou nuances. Um morto, portanto, pode vir a achar-se em igualdade de condição muito melhor ou muito pior. Em linhas gerais, porém, achar-se-á sempre, tal e qual como se tenha preparado.

– E a Justiça Divina, Deus, que faz?... Dorme?!... – respondeu o homem, dado que era a pensar, de modo vicioso e milagreiro, supersticioso e à base de favoritismos e mistérios.

– Deus – disse-lhe o ex-protestante – é VIDA e assim se testemunha, dispondo tudo assim como é, à base de leis justas. Se os clericalismos de todos os tempos inventaram conceitos, e pretendem que estes sejam a própria VERDADE, que tem com isso Deus? Pois sendo o homem dotado do direito sagrado de relativa liberdade, uma vez utilizando-o mal, ou para se escravizar à mediocridade, sobre quem deve pesar com suas queixas e vitupérios?

– E que culpa tenho eu de confundirem em torno à VERDADE, lançando conceitos como se fossem a própria VERDADE? – procurou justificar-se o pedinte.

– Discutir é perder tempo! Trabalhe por compreender sua situação. Depois, se encontrar erros no plano mental humano, faça por corrigi-los! – disse-lhe eu, um tanto asperamente, por notar-lhe prazer na discussão.

– Ora! Ora!... Quer ver que devo consertar o mundo?!... – replicou ele, pondo as mãos sobre o peito, e fazendo aquele gesto tão comum e conhecido.

– Deve, de fato, fazer sua parte! – expliquei.

– Nós o auxiliaremos – ofereceu-se Edgard, apiedando-se do homem.

– Eu nada prometo! – sentenciou ele, mais por confessar incapacidade do que mesmo por protestar má vontade.

– Mas fará sua parte... – reafirmou Edgard – Para tanto, amigo Etelvino, peço que fique nesta casa até quinta-feira, que será depois de amanhã. Não faça o que seja ruim, pois, um espírito desencarnado pode prejudicar muito aos encarnados, com suas radiações maléficas. Lembre-se de que o amor deve caracterizar os cristãos, em suas ações diuturnas.

O homenzinho afirmou que sim. Que ficaria nos aguardando, sem falta. E nós fomos tratar de outros e outros casos.

No dia

Na noite dos trabalhos, como era de fazer, fomos buscá-lo. E o levamos, por bem, para o recinto de Urias, que crescia de gente a mais não caber. Etelvino, como era de saber, tinha gasto tempo e cerebração no sentido de sondar sua condição de desencarnado. Ao dar entrada no recinto, soube dizer:

– Sessão espírita?... Já ouvi muito falar nisso...

– Fique com este amigo – disse Edgard, entregando-o a um dos serviçais da casa.

– Pois não!... Há tempos que andava buscando ver como isso é.

No curso dos trabalhos, onde se salientava a orientação de entidades sofredoras, foi ele, também submetido ao cadinho renovador da comunicação, por onde, à custa do fator mediúnico, das orações e das inteligências para tanto dispostas, conseguimos, muitas vezes, operar belas disposições renovadoras, quer físicas a nosso modo, quer mentais, quer intelectuais, etc.

E o homem saiu renovado, pode-se dizer, pelo menos mentalmente. Se a veneranda Altair tivesse vindo, ou se o homem merecesse, outra coisa poderia passar-se, pois, é lei fundamental que cada qual faz ou concorre com o que pode.

E ao cabo dos trabalhos, levamo-lo conosco, porque havia qualquer coisa por decifrar, por discernir, por esclarecer, naquele homem. Tínhamos ordem superior nesse sentido. E, por isso, singramos com o homem, rumo a um plano determinado na ordem, onde deveríamos aguardar o restante dos informes e das obrigações por executar. Sobretudo, nesse plano havia aparelhagem completa para o serviço de visão retrospectiva. De minha parte, nisso pus atenção.

Sempre a Lei

Não me havia enganado. O homem devia, dentro de dias, ser sujeito ao guante informativo preciso, através daquela aparelhagem toda. No dia aprazado, portanto, fomos em busca dele. Fiz muita questão de estar presente a mais um fenômeno dessa ordem. Afinal, é muito melhor conhecer do que ignorar! E principalmente ao se tratar de coisas de ordem psicológica, e de natureza jurídica celestial, por onde se vê que o juízo inicial sobrepaira a tudo, por ser ingênito ao poder motor individual.

Era uma noite linda! Como são lindas, afinal, nossas noites enluaradas! E o nosso Etelvino foi posto frente-a-frente à máquina vasculhadora. Outros fatores são os mais precisos; mas, digamos que é a máquina... Afinal, nos planos inferiores, um formalismo qualquer tem a força de lei...

– Duas vidas verá, Etelvino. Mais não é preciso. Depois, com tempo, terá o seu relatório – explicou-lhe o chefe da casa.

E ante nossa visão, fez-se presente uma cidade européia, muito conhecida de todos. Uma família recebeu, em seu seio, um novo elemento. E este foi evoluindo, em todos os sentidos. Quando se fez homem, leu muito sobre um grande mestre positivista. O veneno da negação atrofiou-lhe os dotes anteriormente adquiridos, e a arma com que devia contar, para as realizações da vida.

O resultado era, afinal, um homem cheio de saúde e de conhecimentos, mas, infelizmente, vazio de crença e boas aplicações intelectuais. Atravessou a vida ao sabor das discussões estéreis e criminosas, espargindo frieza e animalismos.

E assim o colheu a morte!

Depois, vimos o homem perambular como um duende, pelos tristes países astrais, por longos anos a fio. Seu estado chegou a ser tétrico! E um dia, guiado, julgo, por uma inteligência oculta e benfazeja, bateu às fronteiras de regiões melhores. Foi aceito. Entrou. Retificou-se em parte. Trabalhou. E um dia, propôs-se a volver ao mundo das formas.

Recomeçou no cristal, de novo, como um pequerrucho chorão, manhoso. E foi evoluindo, evoluindo, até ficar um jovem forte. Um dia, um ser sofredor a ele juntou-se, e, como era sofredor assim se fez: foi pelo mundo pedindo esmolas pelo amor de Deus. Aquele Deus que negou tendo saúde, paz e cultura, afirmou como doente, sem eira nem beira e como ignorante e maníaco!

Foi ele quem assim quis, sem esperar por Juízo Final algum, por reconhecer isso, a lei que é a válvula redentora e evolutiva, além de ser a que, pela Suprema

Vontade, é a sine qua non. Que adiantaria, portanto, dizer em contrário alguma coisa? Não seria o mesmo que recomendar a Deus que lesse primeiro o tacanhismo dos textos para depois agir? Não seria pôr o carro diante dos bois?

Infelizmente, muita gente pensa que Deus age depois de consultar os chamados Livros Sagrados, apesar de toda a mediocridade e das tremendas contradições que encerram. Querem de viva força que atenda ao simbolismo dos Adão e Eva, dos Caim e Abel, do Pecado Original, da Mulher de Lot, da Torre de Babel, da Arca de Noé, etc. Querem à força, tenha havido uma matança de crianças, da parte de Herodes, bem como querem que o Precursor e o Cristo tenham surgido milagrosamente num ambiente, sem aqueles preparos do mundo, necessários em qualquer missionário, e para os fins atinentes ao meio e às necessidades.

Querem relegar para segundo plano, à custa de crerem nas adulterações clericalistas, todo o imenso poder de influência da Escola Profética Hebréia, a então chamada seita dos Nazirenos, de que tanto falam os Livros do Novo Testamento, e que, depois de ter sido introduzida no ocidentalismo por Henoc, que a trouxera da Índia em remotíssimos dias, fez todo o esplendor do verdadeiro profetismo Hebreu, que anunciou tudo quanto viria depois, bem assim como anuncia agora, de conformidade com o afirmado por Jesus Cristo, aquilo que é e deverá vir a ser, para sempre deixando e reclamando direitos progressivos, porque é ainda cedo para que alguém diga a última palavra!

Foi pois, esta a resposta que o ex-mendigo deu, a quem lhe fez certa pergunta.

– Rendo graças ao Supremo Poder, esse que dizeis ser ÍNTIMO A TUDO E TODOS; o que DELE vem é simples e bom. E se alguém é responsável por tudo quanto de bem ou mal tenha eu praticado, esse alguém, afirmo, sou eu mesmo. Agradeço, pois, ao Senhor Absoluto, de todo o meu coração, por saber que a minha liberdade relativa é parte do Seu Soberano Poder.

Encarou num momento a todos nós, para logo dizer, agradecido:

– Deus vos abençoe os trabalhos. O humanismo que já viveis deverá entregar-vos, sem dúvida, aos santos regaços do verdadeiro Cristianismo! Porque, senhores, não poderá haver jamais Cristianismo, sem que haja primeiramente humanismo! É de baixo para cima o teor da lei ascensional!... Enganam-se os que querem filtrar o céu, sem respeitar a lágrima, o pranto, a fome, a prisão, a viuvez, a orfandade, o analfabetismo, a falta de hospitais, de médicos, de remédios, etc. O problema do céu é o problema do homem que tem um corpo, que tem uma inteligência para ser desenvolvida, que tem um coração para alcançar os esplendores sublimes da espiritualidade, quer seja ele encarnado,

quer seja ele desencarnado! E quem desrespeitar esta verdade estará negando as leis de Deus!

Eu estava encantado com aquilo que o ex-pedinte estava dizendo. Pela minha cabeça transitava um pensamento interessante. Como cada qual é diferente, pensando como pode e não como quereria; e como essa variação encanta nossas mentes, enquanto as ilustra! Cada um dá de si um pouco, o seu quinhão, e o todo fica mais harmônico, palmilha a senha completista. Sim, amigos, eu já sei muito bem que ninguém pode, aqui, falar por todos; porque sabe muito pouco ainda; mas, mesmo chocando-se os pensares, como devem ter reparado, os nossos ambientes são felizes, muito felizes! Não vedes que simples miseráveis do mundo carnal, após brevíssima educação, tornaram-se modelos de compreensão e bondade?

Partimos dali e fomos entregar o homenzinho, onde determinava a ordem que o fizéssemos. Depois, sulcamos os espaços em direção a nossas moradias.

Encerrando um expediente

Três anos tinha eu, pouco mais ou menos, que trabalhar, preparando-me para outra imersão no mundo físico. Devia trabalhar externamente, para burilar-me internamente. Criar um lastro, uma embalagem poderosa, que me servisse de guarda contra os vendavais tredos da carne e dos orgulhos do mundo.

E os dias venciam-se. Quando foi um dia, a veneranda Altair combinou uma reunião, na residência de Rogério, sem dizer para o que era. E quando todos reunidos estávamos, mais de cem pessoas, pediu a palavra, para dizer:

– Queridos irmãos! Sabeis qual o fito desta reunião?

E como ninguém dissesse coisa, por ignorar ou o quer fosse, prosseguiu ela, entre alegre e grave:

– Deve partir para a carne, em cumprimento a mandato reparador e evolutivo, um dos irmãos que é ornamento desta casa e da sociedade local. Eu quis assim, que ninguém o soubesse, para que esta festinha contasse, também, com o seu assento de surpresa. Aqui estará, dentro em pouco, aquela que deverá vir a ser, a progenitora do nosso caro irmão Alonso!

Um mundo de coisas estranhas varreu-me todo, mescla de ternura e tristeza, e mais não sei que sentimentos e angústias. Todos olhavam-me, e, a pedido da veneranda, uma salva de palmas ecoou pelo recinto festivo. Parabéns fui recebendo de todos, ósculos santos e votos de auxílio. A veneranda, tendo vindo falar-me, disse-me:

– Muita coisa, amigo, foi abreviada em sua vida de trabalhador, graças aos esforços que empregou nos deveres... Reencarnará em ambiente espiritista, pois, como sabe, minha bisneta Altair vai casar-se dentro de um mês...

Agora, senhores, era o céu quem descia sobre mim, num impacto que parecia ultrapassar minhas possibilidades emotivas. E a bisavó daquela mãezinha adorável, alma iluminada e cheia de dons espirituais, abraçou-me comovidamente.

Edgard, Dalva, Rogério, Lourdes, toda a casa, todos os presentes, vieram dizer-me mais coisas bonitas, quando souberam que iria ser filho daquela moça encantadora, serviçal e habitante de planos superiores nos céus terrestres.

E a hora chegou, de dar ela, a bisneta de Altair, que Altair também se chama, entrada no recinto. Vinha, como era o seu natural, alegre e muito consciente, envolvida no fluido azulino que lhe caracterizava o padrão hierárquico, além de outro lastro, também fluídico, que caracterizava aos encarnados, quando em viagem pelos continentes astrais.

A veneranda disse-lhe tudo, tendo me apresentado, como candidato a filho do seu amor, das suas esperanças e das suas obrigações. E espírito devoto que era, disse apenas:

– Coloco-me ao dispor do Supremo, imitando mui apagadamente, aquele sublimado espírito que foi a mãe do Redentor! Seja feita na escrava a Vontade do Seu Senhor!

Foi ordem acompanhar a um irmão, para os devidos preparos. Eu não sofreria o processo magnético redutor. Reencarnaria como um homem, com toda a consciência, e, qualquer vidente bom poderia mais tarde, disseram-me, ver um homem ao lado de uma criança. Isso, senhores, representa muita vantagem. Só a seres relativamente evolvidos, ou mais evolvidos, isso é facultado. Diz a tradição, por aqui, que Jesus e outros muito grandes vultos, de antes e depois, só tiveram mesmo necessidade de perfeita identificação com os seus corpos, do momento em diante em que o peso do mandato assim reclamara. Antes, muito livres haviam sido. Mas deixamos estas coisas, que nem todos gostariam de saber delas.

Adeus. Ficai na santa paz do Senhor, colhendo e semeando as bênçãos do Consolador prometido, dele, que à luz da VERDADE, terá que ir surgindo no mundo a unificação dos entendimentos, dos sentimentos e, conseqüentemente, dos credos. Adeus!

FIM